

Carla Daniella Teixeira Girard  
Sérgio Rodrigues de Santana  
Eliane Epifane Martins  
(orgs)

## Caderno de Resumos

Volume 1

ISBN 978-65-00-34324-3

# Momentos Biblio



70  
Anos

Biblioteca  
Douglas Vale

BDVAV  
Douglas Wendel Maheiro Vale

hedam  
Núcleo de Educação e Universidade na Amazônia



## MOMENTOS BIBLIO

**Nota:** Contém neste Caderno de Resumos (Volume 1) apenas os resumos das palestras que constam no Sumário, entregues até o fechamento deste volume.

# Caderno de Resumos

## Volume 1

Paragominas  
UFRA  
2021

Paragominas – UFRA, 31 de agosto de 2021 - ISBN 978-65-00-34324-3

**Biblioteca Douglas Vale***Biblioteca  
Douglas Vale***Biblioteca Virtual Douglas Wendel Malheiro Vale****Layout e Editoração Eletrônica:**

Sérgio Rodrigues de Santana e Eliane Epifane Martins

Sérgio Santana  
designer**Ilustração da Capa**

(ASTRONAUTAS DES LIVRES)

**Logomarca do evento**

(ILUMINISMO E CULTURA DIGITAL NA BIBLIOTECONOMIA):

Sérgio Rodrigues de Santana

**ORGANIZAÇÃO DO CADERNO DE RESUMOS**Carla Daniella Teixeira Girard, Sérgio Rodrigues de Santana e  
Eliane Epifane Martins

Todos os direitos reservados aos(as) autores(as). Revisão ortográfica e gramatical é da responsabilidade dos/as Autores/as dos Resumos. A Comissão Editorial do seminário **MOMENTOS BIBLIO** se responsabilizou apenas pela formatação dos textos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

Bibliotecária CRB-2/1403 – Eliane Epifane Martins

M732

Momentos biblios: cadernos de resumos, v.1 (2021 : Paragominas, PA).

Anais [recurso eletrônico]: Momentos biblios: caderno de resumos, v.1, agosto de 2021 em Paragominas, PA / Organizadores: Carla Daniella Teixeira Girard, Sérgio Rodrigues de Santana, Eliane Epifane Martins. – Paragominas, PA: UFRA: Biblioteca Douglas Vale: Biblioteca Virtual Douglas Wendel Malheiro Vale, 2021.

76 p.

ISBN 978-65-00-34324-3

1. Biblioteconomia – Evento. 2. Biblioteca Douglas Vale. 3. Universidade Federal Rural da Amazônia. 4. Pandemia - COVID19. I. Girard, Carla Daniella Teixeira, org. II. Santana, Sérgio Rodrigues de, org. III. Martins, Eliane Epifane, org.

CDD: 020



**Reitor:** Marcel do Nascimento Botelho

**Vice-Reitora:** Janae Gonçalves

**Diretor do Campus UFRA Paragominas:** Cesar Augusto Tenório de Lima

**Diretor do Campus UFRA Paragominas:** Carlos Douglas de Sousa Oliveira  
**Vice Gerente Administrativo do Campus UFRA Paragominas:** Allan Pinheiro Monteiro

### Realização

Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)

Biblioteca Douglas Vale

Biblioteca Virtual Douglas Wendel Malheiro Vale

### APOIO INSTITUCIONAL



Núcleo de Educação e Diversidade na Amazônia (NEDAM/UFRA)

### COORDENADORES (AS)



Carla Daniella Teixeira Girard – UFRA/Paragominas



Milton Fernandes – UFRA/Paragominas

### COMISSÃO DE MEDIAÇÃO



Carla Daniella Teixeira Girard – UFRA/Paragominas



Milton Fernandes – UFRA/Paragominas



Victor Soares Rosa – PPGCI IBICT-UF RJ, ProPEd UERJ



Edilson Targino de Melo Filho – CCA/UFPB



Viviane Marques Gondim Guedes – UFRA/Paragominas



Annebelle Pena Lima Magalhães Cruz – ULBRA/RS



Lucas Henrique Alves da Silva – PPGCI/UFPB



Geysianne Felipe do Nascimento – PPGC/UFPB



**COMISSÃO TÉCNICO-CIENTÍFICO**

Carla Daniella Teixeira Girard – UFRA/Paragominas



Sérgio Rodrigues de Santana – PPGCI/UFPB – GEINCOS-CE/UFPB



Annebelle Pena Lima Magalhães Cruz – ULBRA/RS

**COMISSÃO DE ARTE & COMUNICAÇÃO**

Sérgio Rodrigues de Santana – PPGCI/UFPB – GEINCOS-CE/UFPB



Saulo Tasso de Menezes – CT/UFPB

**COMISSÃO DE TECNOLOGIA**

Maria Beatriz de Oliveira Castro – UFRA/Paragominas



Antonio Marcelo Vasconcelos de Sousa – UFRA/Paragominas



Sérgio Rodrigues de Santana – PPGCI/UFPB – GEINCOS-CE/UFPB

**COMISSÃO DE CADERNO DE RESUMOS**

Carla Daniella Teixeira Girard – UFRA



Sérgio Rodrigues de Santana – PPGCI/UFPB – GEINCOS-CE/UFPB



Eliane Epifane Martins – SEDUC/Belém/PA

## SUMÁRIO

|    |                                                                                                         |    |
|----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1  | <b>EDUCAÇÃO INCLUSIVA: REFLEXÕES SOBRE OS ASPECTOS LEGAIS DA ATUALIDADE.....</b>                        | 15 |
|    | <i>Gilma da Silva Pereira Rocha</i>                                                                     |    |
| 2  | <b>A IMPORTÂNCIA DE FOMENTAR O EMPREENDEDORISMO NAS UNIVERSIDADES.....</b>                              | 18 |
|    | <i>Isadora Mendes dos Santos</i>                                                                        |    |
| 3  | <b>DESAFIOS E TENDÊNCIAS PARA A PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS NO PARÁ.....</b>                                 | 20 |
|    | <i>Luciana da Silva Borges</i>                                                                          |    |
| 4  | <b>QUADRO BIBLIO PROFISSÕES: CURSO DE BIBLIOTECONOMIA.....</b>                                          | 22 |
|    | <i>Telma Socorro Silva Sobrinho, Izabel Cristina de Carvalho Mendes e Surama Maria Oliveira Andrade</i> |    |
| 5  | <b>IMPACTO DA PANDEMIA NA SAÚDE MENTAL.....</b>                                                         | 24 |
|    | <i>Eronyce Rayka de Oliveira Carvalho</i>                                                               |    |
| 6  | <b>INFORMAÇÃO, LEITURA E BIBLIOTECAS: UM CAMINHO PARA CIDADANIA E TOMADA DE CONSCIÊNCIA.....</b>        | 25 |
|    | <i>Maria Eliziana Pereira de Sousa</i>                                                                  |    |
| 7  | <b>FOLKSONOMIA E REPRESENTAÇÃO COLABORATIVA DA INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DIGITAIS.....</b>                | 27 |
|    | <i>Raimunda Fernanda dos Santos</i>                                                                     |    |
| 8  | <b>É NECESSÁRIO CHAMAR O NOVO PARADIGMA, NO MÍNIMO, DE "BIOSOCIOECONOMIA.....</b>                       | 31 |
|    | <i>Carlos Augusto Pantoja Ramos e César Augusto Tenório de Lima</i>                                     |    |
| 9  | <b>O ENSINO HÍBRIDO E O ENFRENTAMENTO DOS PROFESSORES NA PANDEMIA.....</b>                              | 37 |
|    | <i>Ellynne Nadjia Oliveira Sousa</i>                                                                    |    |
| 10 | <b>QUADRO BIBLIO PROFISSÕES: O CURSO DE AGRONOMIA NA UFRA CAMPUS PARAGOMINAS-PA.....</b>                | 39 |
|    | <i>Luís de Souza Freitas, Kevin Santos Baia, Khayo W. Cardoso e Maria Lacerda Medeiros</i>              |    |
| 11 | <b>PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NA EDUCAÇÃO: DA ADAPTAÇÃO À FLEXIBILIDADE CURRICULAR.....</b>        | 42 |
|    | <i>Geila Santos de Sousa e Annebelle Cruz</i>                                                           |    |
| 12 | <b>COMO ANDA A SAÚDE MENTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA?.....</b>                                             | 44 |



*Christiane Delúcia de Oliveira Rocha*

- 13 DO ACESSO AO SUCESSO: REFLEXÕES SOBRE A LEI DE COTAS E ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NO ENSINO SUPERIOR.....** 46  
*Cleidiane Leite Bueno Aires*
- 14 INDÍCIOS DE EPISTEMICÍDIO NEGRO NO ENANCIB: A DECOLONIALIDADE COMO ALTERNATIVA.....** 48  
*Felipe Arthur Cordeiro Alves*
- 15 DA COLONIALIDADE DOS PATRIMÔNIOS AOS PATRIMÔNIOS DECOLONIAIS? REFLEXÕES PRELIMINARES A PARTIR DE GÊNERO E MEMÓRIA.....** 50  
*Vitória Gomes Almeida*
- 16 INFORMAÇÃO, INDICADORES SOCIAIS E MONITORAMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A POPULAÇÃO LGBTQI+.....** 53  
*Carlos Wellington Soares Martins*
- 17 MÃE SOLO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA.....** 55  
*Maytê Luanna Dias de Melo*
- 18 COMO OBTER SUCESSO NA APRESENTAÇÃO DO TCC.....** 57  
*Alzira Karla Araújo da Silva*
- 19 FORMAÇÃO SOCIOPOLÍTICA E CULTURAL NA BIBLIOTECONOMIA.....** 60  
*Gilvanedja Mendes e Cida Fernandes*
- 20 CIÊNCIA CONTÁBIL: DESAFIOS E OPORTUNIDADES EM TEMPOS DE PANDEMIA.....** 64  
*Darlan Oliveira Bezerra*
- 21 O RÁDIO E A ADAPTAÇÃO À NOVA ERA DAS TECNOLOGIAS.....** 65  
*Erik Pereira Estevam*
- 22 LETRAMENTO MIDIÁTICO E COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: MEDIAÇÃO DO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19.....** 67  
*Arthur Ferreira Campos*
- 23 PROTAGONISMO, PERTENCIMENTO E EMPODERAMENTO LOCAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA.....** 70  
*Maria Cleide Rodrigues Bernardino*

# Apresentação



Carlos Wellington Soares Martins

Doutor em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão (PGPP/UFMA). Mestre em Desenvolvimento Socioespacial e Regional pela Universidade Estadual do Maranhão (PPDSR/UEMA). Tem bacharelado em Biblioteconomia (CRB13/605) pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Membro do Grupo de Trabalho Bibliotecas para a Diversidade e Enfoque de Gênero da FEBAB. Membro do Observatório de Políticas Públicas LGBTI+ do Maranhão. Membro do Fórum Permanente do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do Maranhão. Presidente do Conselho Estadual LGBTI+ do Maranhão. Conselheiro pelo Conselho Regional de Biblioteconomia 13ª Região atuando nas comissões de Ética, Fiscalização e Acessibilidade e Diversidade. Membro do Grupo de Estudos em Política, Ideologias e Lutas Sociais (GEPOLIS/PGPP/UFMA) e Grupo de Pesquisa Gênero, Relações Étnico-Raciais e Filosofia – DANDARA (IFMA). Avaliador e parecerista dos periódicos: Revista de Políticas Públicas (UFMA), Cadernos de Pesquisa (UFMA), Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBDD/FEBAB). Militante pela Resistência PsoL São Luís do Maranhão. Pesquisa e desenvolve trabalhos nos temas: políticas públicas de cultura, políticas públicas LGBTI+, comunicação científica, lutas sociais, teoria marxista e teoria queer.

Vivemos em um momento histórico e atípico para as relações sociais em escala mundial, decorrente da pandemia do Coronavírus que agudizou problemas estruturais da sociedade, bem como escancarou as disparidades existentes no modo de produção capitalista. A crise sanitária no Brasil assumiu contornos catastróficos decorrentes de uma demora na elaboração e efetivação de um Plano Nacional de Imunização, demora na compra de vacinas e uma constante propagação de notícias falsas (*fake news*), surgimento da pós-verdade e da contra-informação, e um estímulo contra a ciência e o fortalecimento do negacionismo.

Diante desse contexto, e com a realidade que ora se apresenta, acaba por propiciar um terreno fértil e promissor para análises, debates e proposições acerca das temáticas apontadas anteriormente, e, que, para a Biblioteconomia e a Ciência da Informação (CI), ambas as áreas interdisciplinares, possibilitam uma articulação com discussões variadas e olhares teóricos e práticos diversos. A CI conforme postulada por Le Coadic (2004) é uma ciência social e interdisciplinar, portanto além de dialogar com diversas áreas de conhecimento, também tem, nas relações e sujeitos sociais o foco de suas investigações e problematizações, ou seja, para existirem dados, informações e conhecimento fazem-se necessária a existência em coletividade e o estabelecimento de formas de comunicação.

No entanto alguns temas, sujeitos e abordagens ainda encontram-se de forma subalternizada no campo acadêmico e científico, inclusive na CI e na Biblioteconomia, portanto configurando-se como um “conhecimento precário” como preconizado por

David Hess (2016), este conceito é utilizado como forma de identificar as ausências de conhecimento sobre determinados tema/assunto/sujeitos situando essa discussão dentro de uma perspectiva de relações de poder que estruturam o campo científico e infere quais são os temas prioritários e quais não podem ser pesquisados e financiados, produzindo de forma sistemática ausências e esquecimentos no campo científico.

Porém, existe ações e a utilização de mecanismos não oficiais e convencionais de produção de conhecimento para além da perspectiva acadêmica e científica, e onde exponencialmente tem crescido a abordagem de temas diversos na CI e na Biblioteconomia em *lives* do *Instagram*, *Facebook*, *YouTube* e em blogs, esse movimento se configura como uma produção de conhecimento contrapúblico, onde uma rede de pessoas e organizações se mobilizam com vistas a promover, ou provocar, uma mudança social em uma perspectiva e contestação do conhecimento precário do público oficial (HESS, 2016).

Tornou-se comum bibliotecas, escolas de Biblioteconomia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação utilizarem-se de mecanismos não oficiais para a comunicação científica possibilitando a ampliação do debate superando barreiras geográficas, espaciais, dando voz a sujeitos e temas historicamente marginalizados, alguns de forma programática e sistemática e outros de uma forma mais informal. Nesse sentido que a Biblioteca Douglas Vale e a UFRA executaram o projeto de extensão: **“Momentos biblio: a responsabilidade social da Biblioteconomia, das bibliotecas e dos/as bibliotecários/as”** tendo como objetivo promover debates polidisciplinares, trazendo temáticas diversas em debates para o auxílio do enfrentamento da população na conjuntura pandêmica e pós-pandêmica.

Além de propiciarem uma ação sistematizada e programática que fomenta o debate, inclusive trazendo discussões que passam ao largo dos cursos de Biblioteconomia e dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação, articulou debates com o panorama atual da crise sanitária bem como apresentou temáticas que estão na ordem do debate na área: empreendedorismo, cibersegurança, redes sociais, saúde mental, *fakenews*, mercado de trabalho, até temas não tão usuais na área como gênero, raça e etnia e sexualidade.

Nesse primeiro semestre do ano de 2021, iniciando em fevereiro, tivemos os debates sobre **Empreendedorismo e Inovação** por Guilherme Alves de Santana;



**Gestão Social, Território e Extensão Universitária: conectando saberes** por Carlos Douglas de Sousa Oliveira; **Educação Inclusiva: reflexões sobre os aspectos legais da atualidade** por Gilma da Silva Pereira Rocha; **A importância de fomentar o Empreendedorismo nas Universidades** por Gilma da Silva Pereira Rocha; **Cibersegurança: conceitos e Cuidados básicos na vida on-line** por Letícia Lima de Sousa; **Quadro Biblio profissões: Curso de Administração** por Fernando Charles Benigno Neves e Victória Resende Magdalon; **Os desafios da docência em tempos de pandemia** por Bárbara Rodrigues de Quadros.

Nos mês de março tivemos os debates sobre **Redes sociais e geração de renda** por Adriano Dias Borges; **Quadro Biblio profissões: Curso de Biblioteconomia** por Telma Socorro Silva Sobrinho, Izabel Cristina de Carvalho Mendes e Surama Maria Oliveira Andrade; **Desafios e tendências para a produção de hortaliças no Pará** por Luciana da Silva Borges; **Impacto da pandemia na saúde mental** por Eronyce Rayka de Oliveira Carvalho; **Informação, Leitura E Bibliotecas: um caminho para cidadania e tomada de consciência** por Maria Eliziana Pereira de Sousa; **Folksonomia e Representação Colaborativa da informação em Ambientes Digitais** por Raimunda Fernanda dos Santos.

No mês de abril os debates sobre: **É necessário chamar o novo paradigma, no mínimo, de "Biossocioeconomia"** por Carlos Augusto Pantoja Ramos e César Augusto Tenório de Lima; **Pós-verdade e Fake News: o papel dos profissionais de informação no combate às redes de desinformação** por Henry Poncio Cruz de Oliveira; **Reflexões e aprendizados na área da pesquisa durante a pandemia** por Cândido Ferreira de Oliveira Neto; **O ensino híbrido e o enfrentamento dos professores na pandemia** por Ellynne Nadja Oliveira Sousa; **Núcleos de estudos em agroecologia (NEAs): extensão universitária agroecológica** por Antonio Gabriel Lima Resque; **Os desafios da maternidade em tempos de pandemia** por Ellen Costa da Fonseca Ferreira; **Quadro Biblio Profissões: o curso de Agronomia na UFRA Campus Paragominas-PA** por Luís de Souza Freitas, Kevin Santos Baia, Khayo W. Cardoso e Maria Lacerda Medeiros e **Comportamento do emprego formal em tempos de pandemia** por Wesley Pereira de Oliveira.

No mês de maio: **Práticas pedagógicas na perspectiva inclusiva: da adaptação à flexibilidade curricular** por Geila Santos de Sousa; **Projeto Cine Mais Biblio – A Espada, o Galardão e o Rei** por Flávio Augusto Gomes Costa; **Mulheres**

no **Agronegócio** por Ana Paula Ignácio e Maxiely Scaramussa Bergamin; **Como anda a saúde mental em tempos de pandemia?** por Christiane Delúcia de Oliveira Rocha. E, encerrando o primeiro semestre do ano de 2021, em junho: **Do acesso ao sucesso: reflexões sobre a lei de cotas e assistência estudantil no Ensino Superior** por Cleidiane Leite Bueno Aires; **Indícios de Epistemicídio Negro no ENANCIB: a decolonialidade como alternativa** por Felipe Arthur Cordeiro Alves; **Da colonialidade dos patrimônios aos patrimônios decoloniais? Reflexões preliminares a partir de gênero e memória** por Vitória Gomes Almeida; **Impacto de novas tecnologias em tratamentos com prótese dentárias** por José Pimentel Girard; **Informação, indicadores sociais e monitoramento de políticas públicas para a população LGBTQI+** por Carlos Wellington Soares Martins; **Contratos de aprendizagem profissional como estratégia de erradicação ao trabalho infantil** por Anderson Lincoln Vital da Silva; **Mãe solo na pós-graduação em tempos de pandemia** por Maytê Luanna Dias de Melo.

O modelo veio para ficar, não se pode mais minimizar o poder e alcance das redes sociais e plataformas digitais, se as mesmas podem colaborar para a formação, para a prática profissional e para o fomento ao debate é muito bem vinda, desde que não se perca de vista que a internet ainda tutela muito o senso comum o que dificulta um pouco para com a confiabilidade das informações repassadas, o que não é o caso do projeto Momentos Biblio que uniu qualidade de convidados e convidadas com expertise teórica e prática reconhecida, o que qualifica a ação como um diferencial na área e que nos faz aguardar, ansiosos, pela continuidade da ação.

Fico feliz pelo convite em escrever esta apresentação desta publicação que vai apresentar os resumos dos debates apresentados, e também de ter participado como expositor em um dos momentos. Grato pela oportunidade, parabéns pela ação, boa leitura e vida longa ao Momentos Biblio.

## REFERÊNCIAS

COADIC, I. F. L. **A Ciência da Informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

HESS, D.J. **Undone science**: social movements, mobilized publics, and industrial transitions. Cambridge, MA, MIT Press, 2016.

# Programação

Fevereiro 2021

| DIA        | HORÁRIO | PALESTRANTE                                                | PALESTRA/BATE PAPO                                                               |
|------------|---------|------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|
| 05/<br>fev | MANHÃ   | Guilherme Alves de Santana                                 | <b>Empreendedorismo e Inovação</b>                                               |
|            | TARDE   | Carlos Douglas de Sousa Oliveira                           | <b>Gestão Social, Território e Extensão Universitária:</b><br>conectando saberes |
| 12/<br>fev | MANHÃ   | Gilma da Silva Pereira Rocha                               | <b>Educação Inclusiva:</b><br>reflexões sobre os aspectos legais da atualidade   |
|            | TARDE   | Isadora Mendes dos Santos                                  | <b>A importância de fomentar o empreendedorismo nas Universidades</b>            |
| 19<br>/fev | MANHÃ   | Marcus de Barros Braga                                     | <b>Cibersegurança:</b><br>conceitos e Cuidados básicos na vida on-line           |
|            | TARDE   | Letícia Lima de Sousa                                      | <b>Treinamento sobre Normalização de Trabalhos Acadêmicos</b>                    |
| 26/<br>fev | MANHÃ   | Fernando Charles Benigno Neves e Victória Resende Magdalon | <b>Quadro Biblio profissões:</b> Curso de Administração                          |
|            | TARDE   | Bárbara Rodrigues de Quadros                               | Os desafios da docência em tempos de pandemia.                                   |

Março 2021

| DIA        | HORÁRIO | PALESTRANTE                                                                                            | PALESTRA/BATE PAPO                                                                          |
|------------|---------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|
| 05/<br>mar | MANHÃ   | Adriano Dias Borges                                                                                    | <b>Redes sociais e geração de renda</b>                                                     |
|            | TARDE   | Telma Socorro Silva Sobrinho<br>Izabel Cristina de Carvalho<br>Mendes<br>Surama Maria Oliveira Andrade | <b>Quadro Biblio profissões:</b> Curso de Biblioteconomia                                   |
| 12/<br>mar | MANHÃ   | Luciana da Silva Borges                                                                                | <b>Desafios e tendências para a produção de hortaliças no Pará</b>                          |
| 19<br>/mar | TARDE   | Ernyce Rayka de Oliveira<br>Carvalho                                                                   | <b>Impacto da pandemia na saúde mental</b>                                                  |
| 26/<br>mar | MANHÃ   | Maria Eliziana Pereira de Sousa                                                                        | <b>Informação, Leitura e Bibliotecas:</b> um caminho para cidadania e tomada de consciência |
|            | TARDE   | Raimunda Fernanda dos Santos                                                                           | <b>Folksonomia e Representação Colaborativa da informação em Ambientes Digitais</b>         |

Abril 2021

| DIA        | HORÁRIO | PALESTRANTE                                                  | PALESTRA/BATE PAPO                                                             |
|------------|---------|--------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| 09/<br>abr | MANHÃ   | Carlos Augusto Pantoja Ramos e César Augusto Tenório de Lima | <b>É necessário chamar o novo paradigma, no mínimo, de "Biossocioeconomia"</b> |



|        |       |                                                                                              |                                                                                                              |
|--------|-------|----------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|        | TARDE | Henry Poncio Cruz de Oliveira                                                                | <b>Pós-verdade e Fake News:</b> o papel dos profissionais de informação no combate às redes de desinformação |
| 16/abr | MANHÃ | Cândido Ferreira de Oliveira Neto                                                            | <b>Reflexões e aprendizados na área da pesquisa durante a pandemia</b>                                       |
|        | TARDE | Ellynne Nadja Oliveira Sousa                                                                 | <b>O ensino híbrido e o enfrentamento dos professores na pandemia</b>                                        |
| 23/abr | MANHÃ | Antonio Gabriel Lima Resque                                                                  | <b>Núcleos de estudos em agroecologia (NEAs):</b> extensão universitária agroecológica                       |
|        | TARDE | Ellen Costa da Fonseca Ferreira                                                              | <b>Os desafios da maternidade em tempos de pandemia</b>                                                      |
| 30/abr | MANHÃ | Luís de Souza Freitas,<br>Kevin Santos Baia,<br>Khayo W. Cardoso<br>e Maria Lacerda Medeiros | <b>Quadro Biblio Profissões:</b><br>o curso de Agronomia na UFRA campus Paragominas-PA                       |
|        | TARDE | Wesley Pereira de Oliveira                                                                   | <b>Comportamento do emprego formal em tempos de pandemia</b>                                                 |

### Maio 2021

| DIA    | HORÁRIO | PALESTRANTE                                     | PALESTRA                                                                                       |
|--------|---------|-------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 14/mai | MANHÃ   | Geila Santos de Sousa,<br>Annebelle Cruz        | <b>Práticas pedagógicas inclusivas na educação:</b><br>da adaptação à flexibilidade curricular |
|        | TARDE   | Flávio Augusto Gomes Costa                      | <b>Projeto Cine Mais Biblio –</b><br>A Espada, o Galardão e o Rei                              |
| 21/mai | MANHÃ   | Ana Paula Ignácio e Maxiely Scaramussa Bergamin | <b>Mulheres no Agronegócio</b>                                                                 |
|        | TARDE   | Christiane Delúcia de Oliveira Rocha            | <b>Como anda a saúde mental em tempos de pandemia?</b>                                         |

### Junho 2021

| DIA    | HORÁRIO | PALESTRANTE                      | PALESTRA                                                                                                                 |
|--------|---------|----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 11/jun | MANHÃ   | Cleidiane Leite Bueno Aires      | <b>Do acesso ao sucesso:</b> reflexões sobre a lei de cotas e assistência estudantil no Ensino Superior                  |
|        |         | Carlos Wellington Soares Martins | <b>Informação, indicadores sociais e monitoramento de políticas públicas para a população LGBTQI+</b>                    |
|        | TARDE   | Felipe Arthur Cordeiro Alves     | <b>Indícios de Epistemicídio Negro no ENANCIB:</b> a decolonialidade como alternativa                                    |
|        |         | Vitória Gomes Almeida            | <b>Da colonialidade dos patrimônios aos patrimônios decoloniais?</b> Reflexões preliminares a partir de gênero e memória |
| 18/jun | MANHÃ   | José Pimentel Girard             | <b>Impacto de novas tecnologias em tratamentos com próteses dentárias</b>                                                |
| 25/jun | MANHÃ   | Anderson Lincoln Vital da Silva  | <b>Contratos de aprendizagem profissional como estratégia de erradicação ao trabalho infantil</b>                        |

|  |       |                           |                                                 |
|--|-------|---------------------------|-------------------------------------------------|
|  | TARDE | Maytê Luanna Dias de Melo | Mãe solo na pós-graduação em tempos de pandemia |
|--|-------|---------------------------|-------------------------------------------------|

### Julho 2021

| DIA        | HORÁRIO | PALESTRANTE                        | PALESTRA                                                                                    |
|------------|---------|------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|
| 02/<br>jul | TARDE   | Amanda Maria de Almeida Nunes      | <b>Democracia x Desinformação: os desafios da liberdade de informação e expressão</b>       |
| 16/<br>jul | TARDE   | Alzira Karla Araújo da Silva       | <b>Como obter sucesso na apresentação do TCC</b>                                            |
| 23/<br>jul | TARDE   | Flávia Lisboa e Roberta Sodré      | <b>Dia da mulher negra latino americana e caribenha: interseccionalidade e resistências</b> |
|            | TARDE   | Gilvanedja Mendes e Cida Fernandes | <b>Formação Sociopolítica e Cultural na Biblioteconomia</b>                                 |
| 30/<br>jun | TARDE   | Darlan Oliveira Bezerra            | <b>Ciência Contábil: Desafios e Oportunidades em tempos de pandemia</b>                     |
|            | TARDE   | Rayan Aramis de Brito Feitoza      | <b>A gestão na atuação do Arquivista: possibilidades e competências</b>                     |

### Agosto 2021

| DIA        | HORÁRIO | PALESTRANTE                       | PALESTRA                                                                                                                |
|------------|---------|-----------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 06/<br>ago | TARDE   | Leyde Klebia Rodrigues da Silva   | <b>Raça, Etnia e Interseccionalidades no campo biblioteconômico-informacional</b>                                       |
| 13/<br>ago | TARDE   | Erik Pereira Estevam              | <b>O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias</b>                                                                 |
| 20/<br>ago | TARDE   | Arthur Ferreira Campos -          | <b>Letramento Midiático e Competência em Informação: mediação do profissional da informação na pandemia da COVID-19</b> |
| 27/<br>ago | TARDE   | Maria Cleide Rodrigues Bernardino | <b>Protagonismo, pertencimento e empoderamento local da biblioteca pública</b>                                          |

# Resumos

## A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: REFLEXÕES SOBRE OS ASPECTOS LEGAIS DA ATUALIDADE



### Gilma da Silva Pereira Rocha

Doutoranda em Educação pela Universidade Luterana do Brasil-Campus Canoas/RS. Mestra em Educação pela Universidade Federal do Pará-UFOPA. Especialista em Língua Portuguesa: uma abordagem textual pela Universidade Federal do Pará -UFPA; Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela UNINTER; Especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal do Pará-UFOPA; Especialista em Libras e Educação de surdos pela UNOPAR; Especialista em Neuropsicopedagogia e Educação Inclusiva pela CENSUEG. Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela UFPA; Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional -UNINTER. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação Especial e Processos Inclusivos (GPEEI) da UFOPA e do Grupo Cultura e Educação da ULBRA. Bolsista PROSUP/CAPE. Atualmente é professora da Educação Especial na rede municipal de ensino de Santarém e também na Escola de Ensino Técnico do Estado do Pará - EETEP/Santarém. Tem experiência na área de Educação e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: educação de surdos, alfabetização de crianças surdas, educação bilíngue para surdos, educação especial e inclusiva, transtorno do espectro autista e estudos culturais. Membro da Sociedade Brasileira de Neuropsicopedagogia (SBNPP). Membro da Coordenação da Associação de Tradutores/Interpretes de Língua de Sinais do Oeste do Pará-ASTILS-Sócio fundadora.

A inclusão é uma temática que proporciona inquietações e reflexões, pois percebemos ao longo da história várias vertentes em relação ao processo de inclusão. A inclusão de acordo com Mantoan (1997, p.138) “não quer absolutamente dizer que somos todos iguais. Inclusão celebra sim, nossa diversidade e diferenças com respeito e gratidão”. Diante desse conceito é importante entendermos que o termo inclusão é utilizado no processo educacional para caracterizar a inserção de todos os alunos na sala de aula, respeitando as suas especificidades. Antes de vivenciarmos a inclusão, a Educação Especial passou pelas seguintes fases no ambiente escolar: exclusão, segregação, integração e inclusão. A política de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva foi implementada em 2008 com o objetivo dar o acesso, “a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais especiais” (BRASIL, 2010, p.19).

O documento ressalta que a educação especial é uma modalidade transversal, que perpassa desde a educação infantil até o ensino superior. Assim identifica-se que para garantir uma educação fundamentada nos direitos humanos é necessário que políticas públicas sejam implementadas a fim de garantir que cada estudante tenha acessibilidade, adaptações curriculares, ou seja, tenha direito de obter o conhecimento como todos os outros estudantes. Aqui destaco as leis que ratificaram a relevância do processo de inclusão, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação



Nacional-nº 9394/96; Lei nº 10.098/200 que estabelece os critérios de acessibilidade; Lei nº 10.436/2002 que reconhece a Libras como meio legal de comunicação dos surdos; Lei nº 12.764/2012 que garante os direitos para pessoa com Transtorno do Espectro Autista e a Lei Brasileira de Inclusão-nº 13.146/2015. No ano de 2020 é instituída a Política Nacional de Educação Especial: equitativa, inclusiva e com aprendizagem ao longo da vida, porém, analisando essa política identifica-se que a educação especial teria muitos impactos negativos e retrocesso no que tange ao processo de escolarização, cito, por exemplo, o fato de estabelecer pré-requisitos para escolarização, o que tira a obrigatoriedade da escola comum em realizar a matrícula de estudantes público da educação especial, reforçando as classes especiais.

Esses são alguns aspectos que provocaram discussões, descontentamentos e reflexões acerca dessa nova política implementada, fato que fez com que ocorresse uma mobilização dos profissionais da educação brasileira contra esse retrocesso que iria acontecer; assim sendo em dezoito de outubro de 2020 o Supremo Tribunal Federal suspendeu essa nova política. Portanto, a educação especial continua norteada pelas diretrizes implementadas, em 2008, pela política na perspectiva inclusiva.

**Palavras-chave:** Educação Especial. Inclusão. Políticas públicas. Educação.

### Referências

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**/Secretaria de Educação Especial. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2010.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394/96. Disponível: [www.planalto.gov.br>ccivil\\_03>leis](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis). Acesso 20 julho 2021.

BRASIL. Lei 10. 098 de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l10098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm) . Acesso 20 julho 2021.

BRASIL. Lei 10.436 de abril de 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso 20 julho 2021.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394/96. Disponível: [www.planalto.gov.br>ccivil\\_03>leis](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis). Acesso 20 julho 2021.

BRASIL. Lei Nº 12. 764 de 27 de dezembro de 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm). Acesso 21 julho 2021.

BRASIL. Lei Nº 13.146 de 06 de julho de 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso 21 julho 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Ser ou estar, eis a questão:** explicando o déficit intelectual. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

## A IMPORTÂNCIA DE FOMENTAR O EMPREENDEDORISMO NAS UNIVERSIDADES



### Isadora Mendes dos Santos

Mestre em Ciência da Computação pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Computação da Universidade Federal do Pará. Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade da Amazônia (UFRA) - Campus Paragominas. Membro Permanente do Grupo de Pesquisa: Laboratório de Abordagens de Ensino Focadas no Aluno (CNPq/UFPA). Membro Permanente do Grupo de Pesquisa: Grupo Ubíquas de Inovação Efetiva de Pesquisa, Extensão e Estudo em Tecnologias Convergentes - GUIE-X (CNPq/UFRA). Membro Permanente do Grupo de Pesquisa: Núcleo de Pesquisas em Computação Aplicada (CNPq/UFRA). Atuante na área de Inovação e Empreendedorismo tendo ministrado disciplinas no tema, e participado como Mentora na Feira do Empreendedor (SEBRAE – Pará) e Startup Weekend Women Belém, além de desenvolver projeto de Extensão chamado Circuito Empreendedor de Paragominas com a finalidade de fomentar o empreendedorismo na academia.

Desde meados dos anos 90, com o surgimento do conceito da Tríplice Hélice, já se fala da necessidade da interação entre Governo, Indústria e Universidade. A Tríplice Hélice é um modelo universal de inovação, e considerada a origem do desenvolvimento do Vale do Silício. Ela trata essa interação como base estratégica para o desenvolvimento social e econômico nas sociedades industriais desenvolvidas e em desenvolvimento.

Desta forma, a Universidade deixa de ter um papel secundário, de promover apenas a formação superior e a pesquisa, e começa a assumir um papel fundamental como geradora de novas indústrias e empresas, como o papel já exercido pela indústria e governo. Apesar de ser uma temática mais recente no Brasil, as Universidades já começaram a perceber esse movimento e estão atuando cada vez mais no tema, através de diversas iniciativas, incentivando a criação de empresas juniores, incubadoras, eventos e competições de empreendedorismo e criando ambientes de inovação e colaboração.

Mas para desenvolver uma universidade realmente empreendedora é preciso fomentar uma cultura empreendedora em todos os seus aspectos, seja na gestão, nos professores e nos alunos, o que por si só já traz inúmeros benefícios como a criação de importantes conexões para alunos e a própria universidade, conecta alunos a casos reais de empreendedorismo, aprimora *soft-skills* dos futuros profissionais, como poder de negociação, criatividade, relação interpessoal e comunicação, além de transformar a economia gerando crescimento econômico sustentável para a região e para o país.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo. Inovação. Universidades. Startups. Cultura Empreendedora

### Referências

ETZKOWITZ, HENRY, & ZHOU, CHUNYAN. (2017). Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo. Estudos Avançados, 31(90), 23-48.



## DESAFIOS E TENDÊNCIAS PARA A PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS NO PARÁ



### Luciana da Silva Borges

Graduação em Agronomia pela Universidade Federal Rural da Amazônia(2006).  
Mestrado em Agronomia, área de concentração Horticultura pela UNESP-Botucatu (2009).  
Doutorado em Agronomia (Horticultura) pela UNESP-Botucatu (2012). Realizou estágio de  
Doutorado sanduíche pela Universidad Politécnica de Cartagena- Espanha e Pela Università  
Degli Studi di Padova - Itália. Tem experiência na área de Agronomia, com ênfase em Horticultura,  
em fitotecnia e Pós-colheita de hortaliças. Experiência em Extensão rural, com atividades  
voltadas para agricultura familiar. Atualmente é professora Adjunta II na UFRA,  
Campus Paragominas, junto a disciplina de Olericultura, Floricultura e paisagismo,  
Pós-colheita de frutas e hortaliças, Horticultura Geral e Culturas industriais I e atua em projetos  
de pesquisa e de extensão. É Líder do GRUPO DE PESQUISA EM HORTICULTURA  
DA AMAZÔNIA (HORTIZON), cadastrado no diretório de grupo do CNPq desde 2014.

O Estado do Pará é um dos mais importantes alicerces de desenvolvimento econômico e sustentável da região norte do País e da Amazônia. A produção de hortaliças no Estado do Pará, ainda estão as margens da produção nacional. Os desafios da produção de hortaliças são vários, influenciado por fatores como clima, características de solo, dificuldades de acesso a insumos como sementes de qualidade; cultivares adaptadas; ambiente protegido; estratégias mais apropriadas de plantio; quantificar a cadeia de hortaliças no Pará; fragmentar a cadeia produtiva; ter assistência técnica; obtenção de recursos financeiros pelos agricultores; falta de conhecimento e participação no cooperativismo; união de pesquisadores, produtores e entidades para melhorar os manejos da produção de hortaliças para região; e diagnosticar a produção apresentando a estimativa de produtores e produção no Estado.

A baixa produção de hortaliças faz com que o Pará seja dependente da oferta dos cultivos de outras regiões do país, culturas como repolho, couve-flor e pimentão são importados em grande volume. No entanto, algumas hortaliças como batata doce, cebola, melancia, melão e tomate é possível verificar algumas informações de produção no IBGE, 2019, no Pará. Dentre as tendências para produção de hortaliças, têm-se a produção em ambiente protegido; utilização da técnica de aquaponia; que consiste na criação de peixe e o cultivo de hortaliças; a hidroponia; produção de hortaliças frutos: tomate, pimentão; o aumento da participação de produtores no cooperativismo; fragmentação da cadeia produtiva e a união de pesquisa, produtores e entidades.

O Pará carece de muitas informações técnicas sobre a produção de hortaliças e cultivares adaptadas às condições de produção na região amazônica.

**Palavras-chave:** Produção de hortaliças. Cooperativismo. Hortaliças fruto. Aquaponi.

## Referências

IBGE. Censo Agropecuário 2019. Disponível em:  
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9117-producao-agricola-municipal-culturas-temporarias-e-permanentes.html?=&t=destaques>. Acesso em: 09 abril. 2021.

**QUADRO BIBLIO PROFISSÕES: CURSO DE BIBLIOTECONOMIA****Telma Socorro Silva Sobrinho**

Mestre em Ciência da Informação, Especialista em Administração de Bibliotecas e graduada em Biblioteconomia pela UFPA. Atua como Professora da Faculdade de Biblioteconomia da UFPA, atualmente assumiu a Direção da Faculdade

**Izabel Cristina de Carvalho Mendes**

Especialista em Gestão da Informação e Bibliotecas pela Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ), graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atua como Bibliotecária na Prefeitura de Belém, atualmente cedida para a Biblioteca da Procuradoria da República no Pará (MPF-PA).

**Surama Maria Oliveira Andrade**

Especialista em Língua Brasileira de Sinais, pós-graduanda em Marketing Organizacional, Graduada em Geografia pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA). Discente do curso de Biblioteconomia, atua na Comunicação, Gestão Indexação do Centro Acadêmico de Biblioteconomia (CABIB).

A biblioteconomia é uma das profissões mais antigas da história da humanidade e vem desde quando o homem passa a preocupar-se com a guarda e conservação de suportes de informação, que passou por diversas transformações ao longo da história até chegar aos dias de hoje com os modernos suportes de informação em formato digital/eletrônico.

Com as constantes mudanças nos suportes de informação a formação do bibliotecário teve que se reinventar buscando oferecer a sociedade um profissional capaz de passar do perfil de guardião para promotor do acesso da informação. O curso apresenta uma formação multidisciplinar, abrindo um leque de possibilidades aos profissionais formados. Os Bibliotecários, como um dos profissionais da informação, não exercem suas atividades somente em bibliotecas, mas em qualquer instituição, pois para todos os segmentos da sociedade a informação e a documentação são imprescindíveis atualmente.

Por ter uma formação multidisciplinar, o Bibliotecário tem competência para planejar, selecionar, organizar, avaliar, gerir e disseminar a informação, e assim, oferecer produtos e serviços que atendam às necessidades dos usuários. Além disso,

o Bibliotecário é um profissional liberal e possui capacitação adequada para atuar como empreendedor e garantir sua atuação no mercado de trabalho.

**Palavras-chave:** Biblioteconomia. Profissional da Informação. Bibliotecário empreendedor. Representação da Informação. Ciência da Informação.

### **Referências**

ESTABEL, L. B.; MORO, E. L. DA S. (org.). **Biblioteca:** conhecimentos e práticas. Porto Alegre: Penso, 2014.

MACHADO, E. DE O. **Procedimentos para o Bibliotecário abrir sua pequena empresa de prestação de serviços.** São Carlos: EdUFSCar, 2012.



## O IMPACTO DA PANDEMIA NA SAÚDE MENTAL



### Eronyce Rayka de Oliveira Carvalho

Mestra em Ciências da Saúde pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSC-SP). Especialista em Saúde da Família com ênfase nas linhas de cuidado (UPB). Tem licenciatura em Psicologia e formação de Psicólogo (CRP 13/6349) ambos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Desenvolveu atividades nos programas PROLICEN e PROEXT (UFPB).

A pandemia da Covid-19 causada pelo novo corona vírus SARSCov-2, tem impactado de forma negativa a saúde mental da população. O fato de ser uma doença de fácil transmissão, não existir uma medicação curativa e a vacina ainda não estar disponível para toda a população, a recomendação das autoridades da saúde está baseada em medidas de distanciamento social, uso de máscaras e reforço das medidas de higiene, como lavar sempre as mãos e usar álcool em gel.

Essas orientações são fundamentais para desacelerar a disseminação da doença, porém diminuem o acesso aos recursos de rede de apoio psicossocial como trabalho, escola, lazer, família e amigos. Outro problema é que durante a pandemia muitas pessoas ficaram desempregadas e/ou tiveram perdas financeiras, sendo a instabilidade financeira e situações de pobreza importantes fatores de risco para o adoecimento mental.

Estudos realizados durante e após outras epidemias, apontam que a população tem apresentado medo generalizado com reações desproporcionais, levando ao aumento de transtorno do estresse pós-traumático, ansiedade e depressão. O conhecimento real sobre o impacto da pandemia da COVID19 na saúde mental da população exigirá estudos adequados e tempo.

**Palavras-chave:** Saúde mental. Pandemia covid19. Isolamento social.

### Referências

NABUCO, G.; PIRES DE OLIVEIRA, M. H. P.; AFONSO, M. P. D. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde?. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 42, p. 2532, 2020. DOI: 10.5712/rbmfc15(42)2532. Disponível em: <https://www.rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/2532>. Acesso em: 4 mar. 2021.

## INFORMAÇÃO, LEITURA E BIBLIOTECAS: UM CAMINHO PARA CIDADANIA E TOMADA DE CONSCIÊNCIA



### Maria Eliziana Pereira de Sousa

Doutoranda em Ciência da Informação, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na linha de Ética, Gestão e Políticas de Informação. Mestre em Ciência da Informação, pela UFPB. Especialista em Gestão de Recursos Humanos, pela Faculdade de Juazeiro do Norte (FJN). Bacharel em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bibliotecária no Instituto Federal da Paraíba (IFPB) campus Campina Grande- PB. Membro do Comitê Gestor do Sistema de Bibliotecas do IFPB. Atua no Grupo de Pesquisa Laboratório Multidisciplinar de Pesquisas e Estudos sobre Juventude e Trabalho (LAMPEJU), registrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

Discute sobre a importância das bibliotecas da leitura e da informação como caminhos para um melhor exercício da cidadania e desenvolvimento de uma consciência crítica e autônoma. Vivemos na chamada era da informação e do conhecimento, mediada pelo uso maciço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), porém ainda observamos enormes fragilidades no que diz respeito ao acesso à leitura, informação, bibliotecas, acultura e educação, isso porque a oferta desses instrumentos à classe trabalhadora, constituída por toda a massa que é público da escola pública ainda é bastante deficitária, fazendo com que estes não desfrutem de uma educação de qualidade capaz de oferecer competências para se sentirem sujeitos de sua história.

Partindo da hipótese de que informação forma, e de que a educação colabora para a formação humana, o acesso à informação e ao conhecimento em meio ao contexto de irracionalismo e barbárie vivenciado por toda sociedade nesses tempos sombrios e que pode libertar o sujeito, por isso defendemos o fortalecimento das bibliotecas e leitura como elementos importantes no processo de formação intelectual. As bibliotecas são espaço de formação, porque ela participa de todo o processo de ensino aprendizagem, onde o educando desenvolve autonomia diante de suas escolhas. Esse espaço importante merece ganhar cada vez mais notoriedade na sociedade e receber fortes investimentos.

Esclarece que, o acesso às novas mídias não significam o domínio da informação e do conhecimento, porém aponta caminhos para a formação de jovens competentes em informação como uma alternativa para que os sujeitos possam desenvolver autonomia, ser capaz de analisar informações criticamente e produzir novos conhecimentos. Por fim privilegia a biblioteca como um espaço ímpar de democratização do acesso à informação.

**Palavras-chave:** Biblioteca. Informação. Conhecimento. Competência em informação.

### Referências

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. Pesq. Bras. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez.2009. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/170/170>. Acesso em: 02 de mar. 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção primeiros passos; 74).

SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETI, Celso João; et al. (org.). **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994.

## FOLKSONOMIA E REPRESENTAÇÃO COLABORATIVA DA INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DIGITAIS



### Raimunda Fernanda dos Santos

Docente do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisadora Líder do Grupo de Pesquisa certificado pelo CNPq #FolkCoLab – Colaboratório de pesquisas e práticas sobre Folksonomia e Sistemas Híbridos de Organização do Conhecimento, primeiro grupo de pesquisa exclusivamente dedicado às Folksonomias no Brasil. Membro do Comitê de Machine Learning da Associação Internacional de Inteligência Artificial (IAAI).

Com o advento de aplicações da *web* que facilitam a participação ativa dos(as) usuários(as), as atividades de organização e representação de conteúdos têm sido desenvolvidas por esses(as) sujeitos(as) em ambientes colaborativos como as mídias sociais (Twitter, Instagram, Facebook, etc.) e plataformas digitais através da Folksonomia. Esse termo faz parte de uma terminologia cunhada em 2004 por Thomas Vander Wal com a junção das palavras “*Folk*” (do germânico: “povo”, “grupo de pessoas”) e “*taxonomy*” (do grego: “ciência ou técnica de classificação”). Nessa perspectiva, a Folksonomia é definida como o resultado do processo de etiquetagem livre (atribuição de *tags*, etiquetas, palavras-chave) por usuários(as) (humanos e/ou robôs) em ambientes digitais colaborativos para a representação e recuperação de objetos informacionais, sejam eles áudios, textos, imagens, vídeos, etc.

O interesse pelas investigações sobre a Folksonomia despontou em escolas de informação por meio de ensino e pesquisa com ênfase tecnológica, principalmente em institutos e faculdades de Ciência da Informação alemães e norte-americanos. Nesse sentido, a Folksonomia tem sido implementada em unidades de informação nos Estados Unidos da América e recomendada pela Biblioteca do Congresso Americano, apresentando contribuições significativas para essas instituições e seus usuários (YEDID, 2013).

O alto grau de liberdade para a categorização dos objetos informacionais em sistemas colaborativos acentua a descentralização no processo de representação da informação, tendo em vista que quem representa o conteúdo são as próprias pessoas interessadas nele, com diversos graus de subjetividade e envolvimento tanto de conhecimento, quanto por experiência ou sentimento- implicando em resultados positivos e negativos no que concerne à representação e recuperação da informação.

As falhas dos sistemas que utilizam a Folksonomia decorrem, em linhas gerais, dos erros ortográficos; das *tags* excessivamente personalizadas; da ambiguidade terminológica em etiquetas que representam os materiais informacionais; da inexistência de relações paradigmáticas entre as etiquetas (hiponímia e hiperonímia); da confluência de *ofness*<sup>1</sup> e *aboutness*<sup>2</sup> na representação dos assuntos; e, mais recentemente, do uso de *chatbots*<sup>3</sup> programados para atribuírem *tags* que propagam a rápida popularização de desinformação como *fake news*<sup>4</sup> na rede.

A desinformação é um vírus que tem superpoderes, pois ela é estrategicamente construída, e as mídias sociais se configuram como o principal vetor da disseminação desse vírus em ambientes colaborativos. Em linhas gerais, as *tags* cujos conteúdos representados são vinculados às fake news são criadas a partir de ataques orquestrados por perfis influenciados gerenciados por *bots* ou *trollbots*. Os *bots* são robôs autônomos e os *trollbots* são robôs controlados por humanos (assistidos) que apresentam comportamentos tóxicos mediante postagens ofensivas, preconceituosas, racistas e de proliferação de cultura do ódio. Esses últimos são especialistas em realizar ataques coordenados como um exército para preservar ou destruir a imagem de algo ou alguém. De acordo com os dados extraídos da ferramenta *bot sentinel*, somente no ano de 2020 a mídia social Twitter apagou 70 milhões de contas falsas ou suspeitas; 154.000 (cento e cinquenta e quatro mil) *bots* identificados e cerca de 80.000 (oitenta mil) postagens com *tags* que apresentavam erros de digitação (apresentando erros na programação dos *bots*) (BOT SENTINEL, 2020).

No período de março a junho de 2020 foi realizado um estudo na rede social Twitter com o objetivo de identificar as características das etiquetas cujos conteúdos estavam representados pelas *tags* “#COVID19”, “#Covid\_19”, “Pandemia2020”, na oportunidade foram identificadas etiquetas vinculadas aos seguintes conteúdos: negação de recomendações de autoridade de saúde; negação de fatos científicos

---

<sup>1</sup> Aspecto utilizado no contexto da análise de imagens no que concerne à representação, em palavras, dos elementos factuais e concretos que compõem uma obra de arte (pintura, escultura, etc.) como por exemplo pessoas, objetos, atividades, lugares, época (SHATFORD LAYNE, 1994).

<sup>2</sup> Elementos que denotam a semântica abstrata da imagem. Assim, ainda que o *ofness* seja relevante na recuperação de uma imagem, não prescinde do *aboutness* enquanto uma categoria de interpretação (SHATFORD LAYNE, 1994).

<sup>3</sup> Ferramenta de inteligência artificial criada com objetivo de simular um perfil de usuário, humano, nas interações realizadas via mídias sociais.

<sup>4</sup> Em português, “notícias falsas”. Distribuição deliberada de desinformação via canais de comunicação (jornais, rádio, etc.) e mídias sociais (*Facebook*, *Twitter*, *Instagram*).



estabelecidos; manipulação de dados e descrição de tratamentos prejudiciais à saúde; disseminação de medidas de proteção ineficazes.

A Folksonomia não é a causa que propicia a desinformação ou a construção de *fake news* na rede, mas ela encontra-se associada a uma das atividades que facilitam a sua visibilidade e propagação, uma vez que as *tags* podem adquirir rápida popularidade nas redes e alcançar o *trending topics* (assuntos do momento) como estratégia de manipulação e legitimação da desinformação.

Por outro lado, se bem aplicada e mediada, a Folksonomia pode trazer significativas contribuições para as práticas de representação e recuperação de conteúdos em ambientes digitais, dentre as quais: auxílio no fornecimento de detalhes nas descrições dos objetos informacionais (imagens, textos, áudios, vídeos, etc.); possibilidade de encontrar conteúdos semelhantes graças às conexões criadas pelas *tags*; variedade de comunidades com diferentes níveis de especialização necessária para a representação de diferentes tipos de objetos informacionais (textos, áudios, vídeos, etc.); rapidez na manipulação de uma quantidade significativa de recursos; indexação exaustiva; apoio na construção e atualização de Sistemas de Organização do Conhecimento (tesauros, ontologias, taxonomias) para a representação e recuperação da informação; elaboração de Sistemas híbridos de Organização do Conhecimento por meio de modelos que visam relacionar a semântica latente da Folksonomia com outro instrumento de representação, combinando a estrutura sistematizada de ontologias ou taxonomias, por exemplo.

Em linhas gerais, percebe-se que a Folksonomia consiste em um campo de estudo ainda a ser explorado, sobretudo no que concerne às estruturas dos diversos sistemas e serviço informacionais. As etiquetas apresentam fragilidade em relação ao grau de formalização da linguagem, mas possui um potencial significativo de semanticidade, podendo contribuir para a construção de modelos, instrumentos, plataformas, sistemas e recursos baseados nas perspectivas dos(as) usuários(as) para a representação e a recuperação da informação em diferentes contextos.

Diante do exposto, ressalta-se a importância de pesquisadores(as) e profissionais da informação levar em consideração os metadados gerados pelos(as) sujeitos(as) e robôs em ambientes colaborativos dedicando-se aos estudos de Inteligência Artificial e dos ambientes algoritmicamente modelados para combater à desinformação e agregar as potencialidades da Folksonomia em diferentes contextos.

**Palavras-chave:** Folksonomia. Representação colaborativa da Informação. Sistemas colaborativos.

## Referências

BOT SENTINEL. Hashtags tweeted by inauthentic accounts. 2020. Disponível em: <https://botsentinel.com/trending-topics/top-hashtags>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SHATFORD LAYNE, S. Some issues in the indexing of images. Journal of the American Society for Information Science, [S.l.], v. 45, n.8, p. 583-588, 1994.

WAL, V. T. Folksonomy definition and wikipedia. 2005. Disponível em: <http://www.vanderwal.net/random/entrysel.php?blog=1750>. Acesso em: 30 mar. 2021.

YEDID, N. Introducción a las folksonomías: definición, características y diferencias con los modelos tradicionales de indización. **Información, Cultura Y Sociedad**, [S.l.], v. 29, p. 13-26, 2013.

## É NECESSÁRIO CHAMAR O NOVO PARADIGMA, NO MÍNIMO, DE “BIOSOCIOECONOMIA”



### Carlos Augusto Pantoja Ramos

Possui graduação em Engenharia Florestal pela Universidade Federal Rural da Amazônia (1998). Mestrado em Ciências florestais na área de concentração em manejo florestal (2000). Nos anos de 2009 e 2010, foi nomeado diretor no Instituto de Desenvolvimento Florestal do Estado do Pará (página IDEFLOR-Bio), coordenando a Diretoria de Gestão de Florestas Públicas, departamento responsável pela criação das primeiras concessões de florestais no estado do Pará, com resultado na valorização das florestas públicas e ordenamento do território. No período 2012-2015, atuei no apoio a iniciativas do Fundo DEMA/FASE, do Instituto Florestal Tropical, do Instituto Internacional de Educação do Brasil, do Instituto de Desenvolvimento Florestal do Estado do Pará e do Instituto O estado das florestas do Amapá, no reflexo do uso das florestas. Junho de 2017 recebeu a Medalha Qualidade de Vida Ambiental no Pará, outorgado pela Assembleia Legislativa do Estado do Pará. No período de março de 2019 até fevereiro de 2020, atuo no fortalecimento da cadeia de valor do açaí na Colômbia, com bases sustentáveis de manejo florestal no Pacífico Colombiano. Em 2019, em parceria com Mariana Faro e Fred Ferreira, Carlos Ramos cria o Canal Youtube FOLHEAR AMAZÔNIA, onde são publicados vídeos educativos sobre a região amazônica. Atualmente é consultor Ecoflorestal da Estuário serviços, realizando trabalhos no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no projeto Bem Diverso executado pela EMBRAPA. Tem 20 anos de experiência na área de Manejo dos recursos naturais e engenharia florestal, com ênfase em manejo florestal comunitário e familiar, comunidades amazônicas, uso florestal, organização social, economia solidária e Estuário Amazônico.



### César Augusto Tenório de Lima

Engenheiro florestal formado pela Faculdade de Ciências Agrárias do Pará - FCAP (2000), com Especialização em gestão e manejo ambiental em sistemas florestais pela Universidade Federal de Lavras - UFLA (2004), Mestrado em ciências florestais, com área de concentração em manejo florestal e silvicultura tropical pela Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA (2003) e Doutorado em desenvolvimento sustentável do trópico úmido, na área de concentração em desenvolvimento socioambiental, pelo Núcleo de Altos Estudos da Amazônia - NAEA da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFPA (2018). Atualmente é professor adjunto e diretor geral da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, campus de Paragominas/PA. Em 20 anos de experiência profissional na Amazônia, atuou como Coordenador do território da Transamazônica e Xingu, de Nível Superior V na área de Manejo Florestal pelo Ministério do Meio Ambiente - MMA, lotado na Unidade Regional do Distrito Florestal Sustentável da BR-163 do Serviço Florestal Brasileiro - SFB; Gerente de Manejo e Silvicultura no Instituto de Desenvolvimento Florestal do Estado do Pará - IDEFLOR; Pesquisador e coordenador de projetos florestais do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia - IPAM; Consultor e prestador de serviços técnicos florestais para diversos setores da sociedade (governo, ONGs, organizações comunitárias, empresas madeireiras, universidades). Tem larga experiência na área de desenvolvimento socioambiental, gestão dos recursos florestais e manejo florestal sustentável, com ênfase no comunitário e familiar, atuando em todo estado do Pará. É fundador da Rede Cerne (rede de serviço e apoio a produção comunitária e familiar na Amazônia). Tem expertise nas temáticas relacionadas a sociobiodiversidade, manejo de florestas nativas, ecologia humana, política e gestão de florestas públicas, manejo adaptativo, governança local, planejamento territorial, políticas públicas florestais e economia florestal.

De acordo com Mariana Vick (Vick, 2020), em matéria do sítio de notícias *Nexo*, a *Bioeconomia* “é o conjunto de atividades que visam à produção e à distribuição de bioprodutos, ou seja, produtos que têm origem nos recursos biológicos, como biofármacos, insumos para a bioenergia, alimentos funcionais, produtos biodegradáveis e outros itens derivados de matéria natural”. Para a Confederação Nacional da Indústria (CNI), *Bioeconomia* “surge como resultado de uma revolução de inovações na área das ciências biológicas. Está relacionada à invenção, desenvolvimento e uso de produtos e processos biológicos nas áreas da biotecnologia industrial, da saúde humana e da produtividade agrícola e pecuária” (SEBRAE, 2020). Portanto, na visão da CNI, a *Bioeconomia* parte das tecnologias e pesquisas que

podem ser aplicadas em vários setores de forma sustentável no intuito de abrir novos mercados. No último conceito que aqui trago, dos cientistas Ina Horlings e Terry Marsden (Horlings & Marsden, 2011), *Bioeconomia* é “o conjunto das atividades econômicas que captam o valor latente em processos biológicos e nos biorrecursos renováveis para produzir melhores condições de saúde, além de crescimento e desenvolvimento sustentáveis. Ao invés de um fenômeno local, de agregação de valor, este paradigma opera em níveis econômicos mais globais, corporativos” (Horlings & Marsden, 2011).

Ao analisar os três conceitos, nota-se que o primeiro aponta para o aspecto tecnológico enquanto instrumental e de produtos para a sociedade. No segundo conceito, da indústria, a definição obviamente se direciona para o setor industrial, com destaque para o segmento agropecuário. A abordagem de Ina Horlings e Terry Marsden desvendam o caráter global e corporativo da *Bioeconomia*. Em comum, uma visão para inovações tecnológicas, produtivista, econômica com pouco ou quase nenhuma menção mesmo que nas entrelinhas ou, como diria José Saramago, “nos subtons”, que lembrem alguma direção de enfrentamento às lacunas sociais que o mundo detém. A Lei 11.284, de Gestão de Florestas Públicas aponta em seus princípios: “a proteção dos ecossistemas, do solo, da água, da biodiversidade e valores culturais associados, bem como do patrimônio público”. E continua em seus fundamentos “o respeito ao direito da população, em especial das comunidades locais, de acesso às florestas públicas e aos benefícios decorrentes de seu uso e conservação” (BRASIL, 2006). Deste modo, na licença aos leitores de propor um conceito para este tema, é sugerido que a gestão de florestas públicas é o conjunto de ações que visam a produção e comercialização sustentáveis dos recursos florestais em áreas públicas, com respeito aos povos e comunidades da floresta e ao patrimônio público, por meio de tecnologias de manejo florestal que garantam a conservação de seus estoques florestais.

Entende-se que há previsão da participação dos povos da floresta ao menos no conceito que é apresentado. Em relação ao Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade (PNPSB), este é definido em seu documento como “ação, fontes de recursos e um sistema de gestão compartilhada e descentralizado, visando o fortalecimento das cadeias produtivas e a consolidação de mercados sustentáveis para os produtos e serviços da sociobiodiversidade oriundos



de territórios ocupados por povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais e agricultores familiares” (BRASIL, 2009). De acordo com a organização não governamental IPÊ, sociobiodiversidade é a relação entre a diversidade biológica, os sistemas agrícolas tradicionais e o uso e manejo destes recursos junto com o conhecimento e cultura das populações tradicionais e agricultores familiares (Ipê, 2020). Já Produtos da Sociobiodiversidade por sua vez são “bens e serviços (produtos finais, matérias primas ou benefícios) gerados a partir de recursos da biodiversidade, voltados à formação de cadeias produtivas de interesse dos povos e comunidades tradicionais e de agricultores familiares, que promovam a manutenção e valorização de suas práticas e saberes, e assegurem os direitos decorrentes, gerando renda e promovendo a melhoria de sua qualidade de vida e do ambiente em que vivem” (BRASIL, 2009). Com base nos diversos conceitos que envolvem *Bioeconomia*, Gestão de Florestas Públicas, Sociobiodiversidade, é pensado que o termo em questão, *Bioeconomia*, nasceu com sérias pendências.

Ao analisar aspectos da desigualdade social no Brasil, tal modelo aparenta não responder aquilo que mais me preocupa: a nossa capacidade de geração de postos de trabalho, de envolver a população na geração de renda de maneira horizontal para dar oportunidades ao maior número de pessoas e, de fato, promover a inclusão social, com respeito aos povos da floresta. Estas bases me fazem avaliar a *Bioeconomia* em seus *modi operandi* e conceitos como falha enquanto ação social e memória, justamente aspectos que são o desafio da Humanidade. No Brasil e particularmente na região norte-nordeste, as problemáticas sociais tendem a agravar-se uma vez que: a) o IBGE PNAD aponta sinais de exclusão digital no país a partir das estimativas sobre trabalho em *Home Office* predominantes no sul-sudeste do país (Garcia, 2020), o que nos coloca em desvantagem no debate tecnológico de comunicação que a *Bioeconomia* está inserida b) o Orçamento Geral da União em 2019 destinou 4% para saúde, 3,5% para educação; 0,12% para gestão ambiental; 0,02% para saneamento básico o que mostra que tais gastos públicos precisam ser equalizados para atender a população e a própria ciência advinda de recursos públicos ; c) 64% dos domicílios no Estado do Pará recorreram ao auxílio emergencial (Garcia, 2020), o que demonstra qual a prioridade da população neste palco de discussão; d) o Brasil infelizmente está retornando ao mapa da fome, de acordo com o economista Daniel Balaban, chefe do escritório brasileiro do Programa Mundial de Alimentos (Exame,



2020); e e) que aumenta o número de cientistas a considerar a crise sanitária causada pelo novo coronavírus não como uma Pandemia, mas como uma Sindemia, onde “duas ou mais doenças interagem de tal forma que causam danos maiores do que a mera soma dessas duas doenças”, segundo o conceito estabelecido pelo antropólogo e médico americano Merrill Singer na década de 1990 (Plitt, 2020); o Brasil confirma a Sindemia, na negligência em que age no cuidar das pessoas. De um lado, a *Bioeconomia* enquanto corrente deve certamente cobrar que os níveis de desmatamento na Amazônia caiam imediatamente, uma vez que valiosos ativos estão em perigo de desaparecer. Isso é nobre. Por outro lado, ao trazer à mesa os mercados de carbono, não me parece vantajoso para os amazônidas e principalmente os moradores da floresta que a implantação desse mecanismo venha sendo realizado sem um profundo debate envolvendo os reais protagonista dessa história. Nesse marco, países como a Colômbia tem tentado regulamentar esse mercado, ainda que somente com o tempo iremos verificar a sua eficácia a partir do comprometimento do conjunto de atores envolvidos. Seguindo uma direção contrária, a Amazônia Brasileira a segue um caminho desnorteado e caótico. Considerando que o Cadastro Ambiental Rural vem sendo constante indicado como um mecanismo de grilagem de terras no Pará (Moreira, 2016; Campelo, 2017; Vecchione; 2016), o mercado de carbono que muitas vezes se baseia no CAR, não pode ser considerado como um instrumento confiável no atual contexto fundiário-ambiental especulativo do país. Supõe-se que a *Bioeconomia* estaria na fase da barganha, como aquele indivíduo que começa a negociar, começando com si mesmo, querendo dizer que será uma pessoa melhor se sair daquela situação, fazendo promessas inclusive aos céus. Contudo, está negociando com os fatos e os fatos, no caso do uso dos recursos da natureza e envolvimento da população em geral, estão gritando que os promotores da desigualdade social e da predação ambiental precisam ser enfrentados e superados. A fome precisa ser vencida. O igarapé precisa ser mantido. A arara precisa voar. A parteira e o xamã precisam fazer escola. A Memória deve ser respeitada. A criança deve ser protegida contra a guerra, a fome, a peste, o ódio, a exploração sexual. O racismo, a misoginia e a homofobia precisam ser eliminados da sociedade.

A floresta precisa existir e permitir a evolução das espécies pois é um direito dado à estas pela própria vida. Se é uma barganha, uma negociação, então vamos lá, vamos inserir o termo *socio* ao termo *Bioeconomia*. Chamemo-la de

**Biossocioeconomia.** Desta maneira, como deuses que lutam entre si, o capitalismo deverá ser contido pelos outros dois. Não creio que ele perecerá pois trazemos o individualismo também como motor de nossas atitudes. Mas é imprescindível evitar que o capitalismo cumpra a sua missão: de chegar ao cúmulo de si mesmo, no qual somente um humano restará para ver esse fenômeno. Um humano ou humana que olhará seu prêmio final, um desolador deserto silencioso, que ressoará na mente aquela voz do pai com sonhos imperialistas como a herança que desejava ao filho agora solitário: - Vês? Como te prometi, tudo o que você vislumbra até o final do horizonte é seu. E assim caminhou a Humanidade. Um caminho que eu quero ajudar a mudar. Minha bússola é a Esperança

**Palavras-chave:** Manejo florestal. Comunidades tradicionais. Sociobiodiversidade. Bens e serviços ambientais. Desenvolvimento socioambiental.

## Referências

BRASIL. **Lei Nº 11.284, de 2 de março de 2006.** Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11284.htm#:~:text=Art.,Nacional%20de%20Desenvolvimento%20Florestal%20%2D%20FNDE](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11284.htm#:~:text=Art.,Nacional%20de%20Desenvolvimento%20Florestal%20%2D%20FNDE) . Acessado em 12 de outubro de 2020.

BRASIL. **Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade.** 2009. Ministério do Meio Ambiente. Disponível em <https://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural/sociobiodiversidade.html#:~:text=O%20Plano%20Nacional%20para%20a,cr%C3%A9dito%2C%20a%20assist%C3%A2ncia%20t%C3%A9cnica%20e>. Acessado em 12 de outubro de 2020.

CAMPELO, Lilian. **Cadastro Ambiental é usado para legalizar grilagem na Ilha de Marajó.** Brasil de fato, 12 abril 2017a. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/04/12/cadastro-ambiental-e-usado-para-legalizar-grilagem-na-ilha-de-marajo/> . Acesso em: 10 de outubro de 2020.

Exame. **Brasil está voltando ao mapa da fome, diz diretor da ONU.** Revista Exame, 12 de maio de 2020. Disponível em <https://exame.com/brasil/brasil-esta-voltando-ao-mapa-da-fome-diz-diretor-da-onu/>. Acessado em 11 de outubro de 2020.

Garcia, D. **Home office é novo indicador de desigualdade econômica no Brasil.** Folha de São Paulo, 30 de agosto de 2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/08/home-office-e-novo-indicador-de-desigualdade-economica-no-brasil.shtml>. Acessado em 12 de outubro de 2020.

Horlings, I; Marsden, T. **Rumo ao desenvolvimento espacial sustentável? Explorando as implicações da nova Bioeconomia no setor agroalimentar e na inovação regional**. 2011. In: Dossiê Sociologias, Porto Alegre, ano 13, no 27, mai./ago. 2011, p. 142-178.

Ipê. **Projeto Sociobiodiversidade**. 2020. Disponível em <https://www.ipe.org.br/en/projects/baixorionegro/65-projeto-sociobiodiversidade> . Acessado em 11 de outubro de 2020.

Moreira, Eliane. **“Cadastro Ambiental Rural: a nova face da grilagem na Amazônia?”** 2016. Sítio da Associação Brasileira dos Membros do Ministério Público de Meio Ambiente. Belo Horizonte, 7 jul. Disponível em: <http://www.abrampa.org.br/site/?ct=noticia&id=230> . Acesso em 9 de outubro de 2020.

Plitt, Laura. **'Covid-19 não é pandemia, mas sindemia': o que essa perspectiva científica muda no tratamento**. BBC News Brasil, 10 de outubro de 2020. Disponível em [https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54493785?fbclid=IwAR0DuTKrzOF77v77T79AtfQ4kJaitQzGjbEan2U-JXGzxU\\_Yl62hi75Awrc](https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54493785?fbclid=IwAR0DuTKrzOF77v77T79AtfQ4kJaitQzGjbEan2U-JXGzxU_Yl62hi75Awrc). Acessado em 11 de outubro de 2020.

SEBRAE. **O que é Bioeconomia?** 2020. Disponível em <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/rj/sebraeaz/Bioeconomia-inovacao-e-sustentabilidade-em-cadeias-produtivas,357bcde5d61b3610VgnVCM1000004c00210aRCRD> . Acessado em 11 de outubro de 2020.

Vecchione, M. **Cadastro Ambiental Rural (CAR) e a secundarização de reformas fundamentais para a garantia da posse da terra**. 2016. Disponível em <https://terradedireitos.org.br/acervo/artigos/artigo-cadastro-ambiental-rural-car-e-a-secundarizacao-de-reformas-fundamentais-para-a-garantia-da-posse-da-terra/22476>. Acessado em 10 de outubro de 2020.

Vick, M. **O que é Bioeconomia, e qual o lugar do Brasil nesse campo**. Jornal Nexo, 22 de julho de 2020. Disponível em <https://pp.nexojornal.com.br/topico/2020/07/22/O-que-%C3%A9-Bioeconomia-e-qual-o-lugar-do-Brasil-nesse-campo> . Acessado em 11 de outubro de 2020.

## O ENSINO HÍBRIDO E O ENFRENTAMENTO DOS PROFESSORES NA PANDEMIA



**Ellyne Nadja Oliveira Sousa**

Graduada em Direito pela Unipê, graduanda em Ciências Sociais pela IBRA, especialização em Educação em andamento pela Fabex, especialização em Direitos Humanos em andamento pela IBRA. É docente da rede privada de ensino médio e fundamental da capital pessoense (Colégio Intensivo - unidade João Pessoa/PB) e metropolitana (Colégio Intensivo - Bayeux/PB).

A educação brasileira sempre enfrentou grandes desafios, como: falta de investimento e infraestrutura, evasão escolar, a falta da participação da família na comunidade escolar, a falta de valorização dos professores e ainda, as lacunas referentes à formação continuada. Em meio a todos esses contratempos, eis que surge uma pandemia (covid-19) que compromete a saúde pública e abala ainda mais os pilares da educação no Brasil.

Neste cenário pandêmico, os professores se reinventam em que o ensino híbrido se torne uma estratégia educacional pedagógica importante e as vezes imperativa. Para Hoffmann (2016, p.18), o Ensino Híbrido pode ser considerado contemporâneo, nele o professor é o mediador do processo, diz acerca da integração entre o ensino presencial e propostas on-line, e que tem as Tecnologias digitais de Informação e comunicação (TDICs) como mecanismos essenciais e que visa envolver os alunos na cultura digital e em diferentes espaços de aprendizagem. Contudo neste âmbito surgem os dilemas, quais os ganhos e perdas? O universo digital aproxima mundos e realidades diferentes, integra culturas e diversidades, tanto para os alunos quanto para os professores. No Primeiro caso por outro lado segrega pessoas em condições socioeconômicas distintas e marginaliza indivíduos em situação de vulnerabilidade. E para os professores, nossa reflexão se dá de maneira ainda mais contundente nesse âmbito. Como alcançar tamanha proeza? Como iniciar uma nova tarefa, quando nem concluímos a de outrora? Eis o desfecho do nosso percurso.

Tornar-se um herói de mil faces, numa conjuntura de enfrentamentos e desafios, semelhante o monomito<sup>5</sup>, porém, longe de ser uma história pautada na ficção ou na

<sup>5</sup> O monomito, às vezes é chamado de Jornada do Herói, se figura é um conceito de jornada cíclica presente em mitos e como conceito de narratologia, o termo aparece pela primeira vez em 1949, no livro de Campbell O Herói de Mil Faces (*The Hero with a Thousand Faces*).



mitologia, a jornada do herói, requer esforço e bravura, um trajeto dividido em doze etapas, desde o chamado a aventura, com o início da pandemia até o retorno a vida nova, ou seja, o que se espera de um cenário social pós-pandêmico, onde o mundo jamais será o mesmo.

Inspirado na obra: “O herói de mil faces” do antropólogo Joseph Campbell, faremos uma analogia a jornada dos professores, verdadeiros heróis que não possuem poderes sobrenaturais, mas possuem a resiliência e a coragem de verdadeiros campeões na contramão de um país onde a educação nunca foi prioridade. Entre crises e superações diárias os profissionais da educação se reinventam, encaram seus inimigos de frente, lutam para manter o equilíbrio psicológico e emocional e com todas as limitações do isolamento social se desdobram para manter a qualidade de suas aulas. O que no início da pandemia era uma questão de sobrevivência, hoje é uma luta para que a educação no Brasil não venha a sucumbir.

Muito mais que convencer a sociedade que somos heróis é convencer a nós mesmos que nossa jornada tem um propósito e que a pandemia com as aulas remotas e o ensino híbrido chacoalhou nossa realidade, nos tirou do nosso habitat, nos lançou na estrada desconhecida e enfim nos mostrou que educação se faz na coletividade e na audácia de quem acredita que a educação hoje no Brasil é um ato insigne de resistência.

**Palavras-chave:** Ensino Híbrido. Enfrentamento. Docência. Pandemia.

## Referências

CAMPBELL, Joseph. **The Hero with a Thousand Faces**. Princeton: Princeton University Press, 1968, p. 30 / Novato, Califórnia: New World Library, 2008, p. 23.

HOFFMANN, Elíria Heck. **ENSINO HÍBRIDO NO ENSINO FUNDAMENTAL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação na Cultura Digital) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS, 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/168865/TCC\\_Hoffmann.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/168865/TCC_Hoffmann.pdf?sequence=1&isAllowed=y) . Acesso em: 03 abr. 2021

### QUADRO BIBLIO PROFISSÕES: O CURSO DE AGRONOMIA NA UFRA CAMPUS PARAGOMINAS-PA

**Luís de Souza Freitas**

Concluiu o curso de graduação em Agronomia pela Universidade Federal Rural da Amazônia (2001), obteve o título de mestre em Agronomia na área de concentração de solos e nutrição de plantas pela Universidade Federal Rural da Amazônia (2005) é Doutor em Ciências Agrárias, na área de concentração em Agroecossistemas Amazônicos, também pela UFRA (2011). Atualmente é professor e coordenador do Curso de Agronomia, campus Paragominas.

**Kevin Santos Baia**

Engenheiro agrônomo pela Universidade Federal Rural da Amazônia – (UFRA, 2019), Atualmente é Assistente de Desenvolvimento de Produtos na empresa Kinagro.

**Khayo W. Cardoso**

Graduando em Engenharia Agrônoma na UFRA Paragominas, Coordenador de Marketing na empresa Jr. AGROFAZ Jr, Estagiário de Marketing na Cooperativa Agroindustrial Paragominense – COOPERNORTE.

**Maria Lacerda Medeiros**

Engenheira agrônoma pela Universidade Federal Rural da Amazônia – (UFRA, 2015), obteve o título de mestre em Produção Agrícola pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – (UFRPE, 2017), atualmente é doutoranda em Agronomia pela Universidade Federal Rural da Amazônia – (UFRA, 2021).

Agronomia é a ciência que estuda a interrelação entre o solo, a planta e o clima com o objetivo de melhorar a eficiência dos setores produtivos, em especial no uso da água e aumentar a produtividade com menor custo possível, respeitando as leis ambientais e preservando a sustentabilidade dos ecossistemas (DIAS, 2008). O Curso de Agronomia da UFRA campus Paragominas, foi autorizado pelo Decreto Lei nº. 5.773, de 09 de maio de 2006, a qual iniciou 2008, e que atualmente, possui 5 turmas, totalizando 258 alunos matriculados, onde as aulas são ofertadas tanto no período diurno/vespertino, com 50 vagas por ano com aderência 100% SISU, com nota 4 na última avaliação do MEC.

O objetivo do curso é formar engenheiros agrônomos com capacidade técnico-científica e visão integral, ética e humanística, comprometidos com o bem estar da sociedade envolvida, exercendo todas as competências relacionadas à profissão e a promoção do desenvolvimento sustentável (FLORENCANO, 20002)

O Engenheiro Agrônomo é o profissional com formação eclética, capaz de gerar e aplicar conhecimentos científicos e técnicas agronômicas, adequadas a uma agricultura racional e integrada à produção vegetal e animal, onde é regulamentado pela Lei nº 5.194, de 24 de dezembro de 1966.

Os estudantes do curso de agronomia têm a oportunidade de realizar estágios nos diferentes ramos da ciência agronômica e em várias empresas que tem parceria com a UFRA e que estes futuros profissionais conseguem oportunidades de conhecer na prática a empresa, bem como de abrir as portas para o mercado de trabalho, assim que formado. Os egressos do curso têm oportunidades de cursar a pós graduação dentro da própria UFRA ou em outras instituições no país, buscando novos conhecimentos intelectuais e capacitação profissional em várias áreas de conhecimento como a Fitotecnia, Agrometeorologia, Silvicultura, Economia agrícola, Solos, Zootecnia, Entomologia, Topografia, entre várias outras disponíveis no país e no exterior.

O engenheiro agrônomo é uma das profissões mais importantes do mundo devido ao fato de trabalhar diretamente com a alimentação, sendo este o pilar central de tudo. O mercado tem cada vez mais se desenvolvendo e abraçando os profissionais que estão saindo da faculdade, isto é, com as mudanças atuais, por exemplo a pandemia, alterações na economia tem mundial tem sido recorrente, porém o agronegócio é o que mais se desenvolveu nos últimos tempo, principalmente no Brasil. Com forte demanda por profissionais, a competitividade também tem aumentado em escala positiva, onde há um apelo por profissionais éticos e bem qualificados na técnica e também quanto ao seu caráter.

O engenheiro agrônomo de hoje e futuro tem tendências para o ramo profissional cada vez mais ecléticas nas investigações científicas, tecnologias de sensores, imagens aéreas (drones), GPS e a utilização de máquinas potentes com sistemas integrados, da inteligência computacional de alta precisão, da agricultura de precisão, bem como do total do aproveitamento de biomassa, para produções mais sustentáveis.

**Palavras-chave:** Engenheiro Agrônomo, Estágio, Egresso e Pós-graduação.

## Referências

DIAS, M.M. A formação do agrônomo como agente de promoção do desenvolvimento. **Revista Extensão Rural, DEAER/CPGExR – CCR – UFSM**, Ano XV, Jan – Jun de 2008.

FLORENCANO, J.C.S e ABUD, M.J.M - Histórico das Profissões de Engenheiro, Arquiteto e agrônomo no Brasil. **Rev. Ciênc. Exatas, Taubaté**, v. 5-8, p. 97-105, 2002.

### PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NA EDUCAÇÃO: DA ADAPTAÇÃO À FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR

**Geila S. Souza**

Doutoranda em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/RS). Licenciada em Pedagogia pela ULBRA. Especialista em Gestão Escolar (UFOPA), Psicologia Educacional (UEPA). Atua como Especialista em Educação pela SEDUC/PA. Professora pela SEMED/PA.

**Annebelle Cruz**

Doutoranda em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/RS). Bacharel em Psicologia pela Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR/MG). Especialista em Gestão de Saúde Mental, Neurociências e Psicopedagogia (Instituto PROMINAS/MG). Bolsista CAPES/ULBRA.

Desde o ingresso na Educação Infantil, os alunos e alunas já começam a desenvolver as competências gerais definidas pela BNCC. Nesse sentido, a aprendizagem e o desenvolvimento são assegurados por seis direitos: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Direitos que conversam diretamente com os eixos estruturantes da EI – interagir e brincar. E em relação ao atendimento especializado complementar, este deve ocorrer de acordo com suas especificidades. Portanto, a educação inclusiva diz respeito a todos e é orientada pelo direito à igualdade e o respeito às diferenças.

É importante ressaltar que todas as pessoas aprendem, independente de suas particularidades intelectuais, sensoriais e físicas. Cabendo a comunidade escolar desenvolver estratégias pedagógicas que favoreçam a criação de vínculos afetivos, relações de troca e a aquisição de conhecimento. Para tanto, as práticas pedagógicas inclusivas na educação, devem preconizar por uma adaptação que gere a flexibilização curricular, levando em consideração o processo de aprendizagem de cada pessoa, suas necessidades educacionais e únicas. Compreendidas e realizadas por meio de estratégias pedagógicas e processos de avaliação diversificados.

**Palavras-chave:** Práticas Pedagógicas Inclusivas, Adaptação, Flexibilização curricular.

**Referências**

BENJAMIN, W. **Reflexões:** a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.



Brincadeiras de Creche – Manual de Orientação Pedagógica” elaborado pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Básica, com a parceria do UNICEF em 2012.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. 3 ed. S. Paulo: Nacional, 1959.

DEWEY. On Education. **The University of Chicago press**, Chicago, 1974.

## COMO ANDA A SAÚDE MENTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA?



### Christiane Delúcia de Oliveira Rocha

Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) na linha de pesquisa Processos Sociocognitivos e Psicossociais, mais especificamente desenvolve pesquisa na área de Psicologia Evolucionista e Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com ênfase em neurociências. Licenciatura e formação em Psicologia na abordagem Cognitivo-comportamental. Possui experiência na área clínica atuando a partir da abordagem cognitivo comportamental com criança, adolescente e adulto, atualmente com ênfase no desenvolvimento de habilidades em crianças autistas. Além disso, tem experiência de ensino na área acadêmica em cursos de graduação e pós-graduação em áreas voltadas à educação e saúde.

A infecção pelo novo corona vírus (*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 – Sars – Cov - 2*) teve seus primeiros casos mencionados em dezembro de 2019 na China. Devido a sua rápida disseminação global a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou, em março de 2020, a pandemia do COVID-19 (*Coronavirus Disease 2019*). Dados da OMS do dia 17 de maio indicam um total de 162.773.940 de casos de COVID-19, incluindo 3.375.573 mortes e no Brasil, Segundo dados do Ministério da Saúde do dia 16 de maio indicam um total de 15.627.475 de casos de COVID-19, incluindo 435.751 óbitos.

Diante da disseminação da doença, foram adotadas medidas para achatar a curva e conter seu pico, tais como, quarentena de toda a população, fechamento de escolas e universidades, isolamento de casos suspeitos, dentre outros (BROOKS et. al., 2020). Para Ornell, Schuch, Sordi e Kessler (2020) os focos primários de atenção são a saúde física e o combate ao agente patogênico, negligenciando ou subestimando a saúde mental. No entanto para Brooks et. al., (2020) a adoção de medidas para reduzir os impactos psicológicos da pandemia não podem ser desprezadas. Diversos estudos foram desenvolvidos em todo o mundo acerca da saúde, mental. Mais especificamente no Brasil, entre as diversas pesquisas desenvolvidas, Zandifar e Badrfam (2020) identificaram que fatores como incertezas de como a doença pode ser controlada, sua gravidade, imprevisibilidade de duração e desdobramentos podem causar sofrimento mental.

Já Duarte et. al., (2020) verificaram que diminuição de renda e exposição a informações sobre mortos e infectados, podem provocar maior prejuízo na saúde mental. Com o aumento dos casos relacionados ao comprometimento da saúde mental, também houve o aumento da necessidade de acompanhamento psicológico.

Nesse contexto, houve disponibilização de atendimento por grupos de psicólogos voluntários para pessoas em situação de vulnerabilidade.

**Palavras-chave:** Saúde Mental. Pandemia. Psicologia.

### Referências

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). **Painel coronavírus**. Atualizada em 16 de maio de 2021. [acessado 16 de maio de 2021]. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>

BROOKS, S. K., WEBSTER, R. K., SMITH, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. **The psychological impact of quarantine and how to reduce it: Rapid review of the evidence**. The Lancet, 395(10227), 2020, 912-920.

DUARTE ET. AL. **COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva, 25(9):3401-3411, 2020

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Coronavirus disease (COVID-19) situation dashboard.

ORNELL, F., SCHUCH, J. B., SORDI, A. O., & KESSLER, F. H. P. **“Pandemic fear” and COVID-19: Mental health burden and strategies**. Brazilian Journal of Psychiatry. 2020

ZANDIFAR, A., & BADRFAM, R. **Iranian mental health during the COVID-19 epidemic**. Asian Journal of Psychiatry, 51. 2020

## DO ACESSO AO SUCESSO: REFLEXÕES SOBRE A LEI DE COTAS E ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NO ENSINO SUPERIOR



### Cleidiane Leite Bueno Aires

Assistente Social da Fundação Universidade Federal de Rondônia. Coordenadora de Programas da Pró-Reitoria de Graduação da Fundação Universidade Federal de Rondônia- UNIR, unidade gestora de programas acadêmicos como PIBID, Residência Pedagógica, Monitoria Acadêmica, Programa de Educação Tutorial - PET. Ela foi Assistente Social na Secretaria Municipal de Saúde de Pontes e Lacerda - MT. Mestra em Educação pelo Mestrado em Educação - PPGE/UNIR e Especialista em Gestão do Trabalho e Educação em Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Estudos Semióticos em Jornalismo (GESJOR), pesquisadora nas áreas de Serviço Social, Políticas Públicas Sociais de Saúde e Educação, com ênfase atualmente em ações afirmativas, programas de acesso e permanência no Ensino Superior Público.

As ações afirmativas no ensino superior desde as suas primeiras experiências no contexto brasileiro, criam diversos debates calorosos nos mais variados espaços de discussões, sejam eles midiáticos, acadêmicos ou de movimentos sociais, com os mais variados argumentos colocam em evidências os pontos positivos ou negativos de tais medidas.

O fato é que, desde a sua aplicação de forma generalizada nas instituições de ensino federais, acentuou a demanda de ações que permitissem com que essas ações proporcionassem uma mudança social no cenário das instituições de ensino superior públicas que efetivamente diminuíssem as desigualdades sociais. Dentre tantas ações, discutimos além das ações de ingresso, as cotas, conferidas pela Lei 12.711/2012, as ações estudantis desenvolvidas no âmbito institucional conferidas pelo Programa Nacional de Assistência estudantil- PNAES, instituído pela Portaria Normativa nº 39/2007 e regulamentado pelo Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010.

Dada a temporalidade das ações de ingresso, a Lei de Cotas, que tem período de avaliação de 10 anos após sua sanção e a fragilidade normativa do programa de assistência estudantil, instituído por decreto presidencial, e toda a conjuntura política vivenciada no atual governo, tornou-se mais que necessário os debates sobre essas duas políticas públicas, e a divulgação dos resultados oriundos da implementação de tais políticas, visto que, ainda estamos distantes de termos a educação como direito de todos, e o espaço das universidades públicas como um espaço democrático e igualitário.

**Palavras-chave:** Ações Afirmativas, Ensino Superior, Assistência Estudantil.

### Referências

AIRES, C. L. B. **Do acesso ao sucesso: análise da política de cotas e do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) na Fundação Universidade Federal de Rondônia. 2021.** 156 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2021. Disponível em: <https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/3183> . Acesso: 02 jul. 2021.



## INDÍCIOS DE EPISTEMICÍDIO NEGRO NO ENANCIB: A DECOLONIALIDADE COMO ALTERNATIVA



**Felipe Arthur Cordeiro Alves**

Mestre e doutorando em Ciência da Informação, ambos pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB). Especialista em Gestão de Documentos e Informações pela faculdade Unyleya. É Bacharel em Arquivologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). É membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Sociologia e Informação (GEPsi) na UFPB. Atualmente atua como Técnico em Arquivo na Reitoria do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Possui experiência de atuação em Arquivos Eclesiásticos e acervos acadêmicos.

Desde a ignomina escravidão até os nossos dias, a população negra foi impelida a resistir a um processo de segregação e exclusão social. O colonialismo no Brasil serviu para segregar e desqualificar conhecimentos produzidos fora do eixo europeu e norte-americano, especialmente conhecimentos africanos e afro-brasileiros. Além disso, o mito da democracia racial favoreceu a propagação de diversos tipos de racismo na sociedade brasileira, formando a conjectura de um racismo estrutural no país. Sendo o racismo parte da estrutura social brasileira, consideramos que não há ambiências imunes de reproduzi-lo. Nas universidades, destaca-se o racismo epistêmico, o epistemicídio.

O epistemicídio enquanto ferramenta de censura epistemológica, é resultado de um *modus operandi* das produções científicas regidas e estruturadas por relações de poder. A Ciência da Informação brasileira se desenvolveu com fortes influências europeias e norte-americanas. Desse modo, o traço colonial nas produções científicas é uma consequência praticamente inevitável. O Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) é caracterizado por muitos pesquisadores como o principal evento da área e seus anais são considerados fontes de pesquisas ricas. Diante disso, apresentaremos os resultados de pesquisa desenvolvida na dissertação de mestrado, que teve como campo de estudo esse evento.

Tal pesquisa visou analisar a relação entre a mediação da informação e o protagonismo social negro, nos anais do ENANCIB, desde a sua gênese em 1994 a última realização do evento em 2019. Na apresentação, indicaremos indícios de epistemicídio negro no evento e indicaremos os estudos decoloniais como uma alternativa de desconstrução desse cenário.

**Palavras-chave:** Epistemicídio. Racismo. População Negra. Decolonialidade.

### Referências

ALVES, F. A. C. **A mediação da informação como epicentro do protagonismo social negro**: do epistemicídio à [des]colonialidade. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2021.

## DA COLONIALIDADE DOS PATRIMÔNIOS AOS PATRIMÔNIOS DECOLONIAIS? REFLEXÕES PRELIMINARES A PARTIR DO GÊNERO E MEMÓRIA



**Vitória Gomes Almeida**

Professora Assistente do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri. Graduada pela mesma instituição. Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba e atualmente doutoranda pelo mesmo programa. Capacitada em Gestão Cultural pelo Ministério da Cultura - Universidade Federal do Cariri. Foi integrante do NBLAC - Núcleo Brasileiro Latino Americano e Caribênho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais e iMclusoS - Informação, Memória, Tecnologias e Sociedade. Atualmente é vice-líder do Grupo de Pesquisa SABERES - Informação e cultura, patrimônio cultural e sustentabilidade. Desenvolve estudos e pesquisas sobre os seguintes temas: memória, patrimônios culturais, informação e culturas, mulheres e culturas, colonialidades-decolonialidade.

Patrimonium é uma palavra surgida no âmbito da sociedade romana, considerada um dos berços da civilização ocidental, que expressa em sua etimologia, “aquilo que pertence ao pai”. Em suas origens, esse patrimônio ou propriedade era imbuída de uma concepção ética e jurídica bem diferente da atual sociedade ocidental, onde estátuas ou pessoas ocupavam a mesma posição, enquanto objeto passível de ser herdado, inexistindo um entendimento coletivo/compartilhado de patrimônio pertencente a um povo.

Esse sentido coletivo no âmbito do patrimônio, viria a emergir apenas na modernidade como decorrência das transformações sociais e culturais das revoluções acontecidas na Europa, fazendo emergir uma consciência para conservação dos bens culturais por meio da atuação do Estado. Com a noção de patrimônio, cria-se a partir da experiência europeia uma determinada forma de compreender a memória, o tempo, o passado e o futuro, assim como de categorizar bens culturais passíveis de serem considerados enquanto tal. Implementados em países com passado colonial como aqui na América Latina, essa ação não somente limitou concepções de patrimônios a serem reconhecidos pelo Estado, sobretudo de matriz africana e indígena, bem como legitimou o legado do colonizador europeu na cultura material e imaterial, visando uma equiparação desses países subalternizados com as nações europeias. A partir dessa explanação é possível pensar na existência e relação da colonialidade e do patrimônio cultural.

A colonialidade pode ser entendida como um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder moderno capitalista que opera em planos, âmbitos e dimensões materiais ou subjetivas: colonialidade do poder, colonialidade do ser, colonialidade do saber e colonialidade da mãe natureza. Há ainda outras

classificações de colonialidades, mas a partir das mencionadas, é possível perceber o processo de hierarquização, racialização, generificação, subalternização e destruição de cosmologias dos povos originários e africanas/os escravizadas/os, a partir da invasão colonial. Assim é importante perceber que a colonialidade, não se encerra com o fim do colonialismo. Do ponto de vista memorialístico, as transformações civilizatórias ocorridas mediante o colonialismo geraram uma colonização da memória, alterando as noções de si, de formas de concepção da realidade e das relações de práticas cosmológicas impostas através do ideal civilizador etnocida, racista e machista, que permanecem profundamente arraigadas nas sociedades latino-americanas.

Esse processo resultou na invenção de colonizadas/os, que na visão de seus opressores foram reduzidos a seres primitivos e que conseqüentemente não possuíam cultura o que acabou por minar expressões alternativas de patrimônios, já que as culturas destes eram suplantadas pelo patrimônio cultural do colonizador. Em outras palavras: exportado da experiência europeia, o patrimônio enquanto conceito e política foi incorporado nos diversos continentes do globo introduzindo uma determinada maneira de ver, nomear e experienciar o tempo, a cultura, a memória e as formas de transmissão e preservação do que se julga representativo para a identidade e pertencimento dos grupos sociais. Mas onde há colonialidade há a decolonialidade, com uma história e práxis de mais de quinhentos anos de lutas, movimentos e ações de resistência e recusa desses legados e relações de poder. É a partir de uma perspectiva decolonial, que questiono o lugar universal ocupado pelo patrimônio, e reivindico o pluriversal, a ser ocupado pelas diferentes formas de pensar/praticar/nomear a memória e suas forma de valorização e transmissão.

Do ponto de vista de gênero e raça, que também são invenções ocidentais/coloniais, mas que ajudam a pensar essas relações de poder, é possível questionar a etimologia da palavra patrimônio “aquilo que pertence ao pai” e sua práxis tão fortemente centrada em figuras brancas, masculinas e oligárquicas. Usar numa mesma frase a expressão “patrimônio das mulheres” se mostra como contraditório tendo em vista sua etimologia e construção histórica já explicitada, assim como demarca um apagamento da memória das mulheres e de quem não se enquadra em nenhum dos dois gêneros, já que na palavra que nomeia essa experiência com a memória, há uma conotação patriarcal. A partir dessas reflexões se evidencia a

necessidade de problematizar epistemologicamente os patrimônios, suas políticas e a cisheteronormatividade racista que se faz presente nas mesmas. Ciente das relações entre informação e culturas, e da necessidade de uma nova cultura de informação equitativa, antirracista, feminista, anticapacitista e anti-cisheteronormativa, que propostas decoloniais para pensar o patrimônio se fazem necessárias. Investigar formas dissidentes de nomear/experienciar/valorizar/transmitir a memória/bens culturais, se configura como um meio para questionarmos paradigmas dominantes e narrativas/historiografia oficial, fortalecendo o pensamento pluriversal e resistindo contra o epistemicídio e memoricídio empreendido pela empreitada colonial.

**Palavras-chave:** Patrimônio-colonialidade. Patrimônio decolonial. Memoricídio.

### Referências

CURIEL, Ochy. **Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of world-systems research**, v. 11, n. 2, p. 342-386, 2000. Disponível em: <http://www.ram-wan.net/restrepo/poscolonial/9.2.colonialidad%20del%20poder%20y%20clasificacion%20social-quijano.pdf>. Acesso em 5 mai. 2021.

WALSH, Catherine E. Decoloniality in/as Praxis. In: MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine E. **On decoloniality: concepts, analytics, praxis**. Durham: Duke University Press, 2018.



## INFORMAÇÃO, INDICADORES SOCIAIS E MONITORAMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA POPULAÇÃO LGBTI+



### Carlos Wellington Soares Martins

Doutor em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão (PGPP/UFMA). Mestre em Desenvolvimento Socioespacial e Regional pela Universidade Estadual do Maranhão (PPDSR/UEMA). Tem bacharelado em Biblioteconomia (CRB13/605) pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Membro do Grupo de Trabalho Bibliotecas para a Diversidade e Enfoque de Gênero da FEBAB. Membro do Observatório de Políticas Públicas LGBTI+ do Maranhão. Membro do Fórum Permanente do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do Maranhão. Presidente do Conselho Estadual LGBTI+ do Maranhão. Conselheiro pelo Conselho Regional de Biblioteconomia 13ª Região atuando nas comissões de Ética, Fiscalização e Acessibilidade e Diversidade. Membro do Grupo de Estudos em Política, Ideologias e Lutas Sociais (GEPOLIS/PGPP/UFMA) e Grupo de Pesquisa Gênero, Relações Étnico-Raciais e Filosofia – DANDARA (IFMA). Avaliador e parecerista dos periódicos: Revista de Políticas Públicas (UFMA), Cadernos de Pesquisa (UFMA), Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBB/FEBAB). Militante pela Resistência Psol São Luís do Maranhão. Pesquisa e desenvolve trabalhos nos temas: políticas públicas de cultura, políticas públicas LGBTI+, comunicação científica, lutas sociais, teoria marxista e teoria queer.

A LGBTfobia está presente na história da humanidade e permeia as relações sociais em todos os âmbitos da sociedade, portanto é estrutural e estruturante. Cabe a cada país, dentro de qual projeto de nação se almeja, criar estratégias de combate e minimizar este mau que ainda assola a humanidade. No Brasil a situação é alarmante, o país sempre oscilou entre avanços e retrocessos diante do cenário político instável, e, atualmente, uma onda conservadora e reacionária assola o país e recrudescer em direitos para a população LGBTI+.

Não se tem indicadores sobre as mortes e violências sofridas pela referida população realizados pelo poder público, seja a nível federal, estaduais e municipais ocorrendo em levantamentos realizados pelos movimentos sociais organizados como o Grupo Gay da Bahia (GGB) e a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) que são os responsáveis por esse mapeamento a nível nacional contribuindo para o debate e nas políticas públicas de enfrentamento a LGBTfobia. Mesmo com a criminalização da LGBTfobia ocorrida em 2019 pelo Supremo Tribunal Federal (STF), decorrente da omissão do legislativo federal em pautar a demanda, não se percebeu uma diminuição da violência, o que aponta que apenas o caráter punitivista e individualizado não dá conta, por si só, de um problema que é estrutural. Portanto a ação na perspectiva informativa-educativa visa alcançar o problema na base propiciando acesso a informação e fomentando uma educação pautada na diversidade e no respeito as diferenças.

Com esse objetivo que em uma ação coletiva e multiprofissional que nasceu o Observatório de Políticas Públicas LGBTI+ do Maranhão com o objetivo de monitorar

e realizar o levantamento de ações realizadas pelo Governo do Estado, em suas mais diversas áreas: Desenvolvimento social, educação, cultura, turismo, trabalho e renda, segurança pública, saúde, direitos humanos para oportunizar a socialização destas informações aos principais sujeitos desta relação que são as LGBTI+, além de, em uma ação inédita, lançar o Boletim com as mortes letais da população LGBTI+ do estado do Maranhão para colaborar com os levantamentos nacionais.

O entendimento que se tem é que a pulverização de informações dificulta o acesso e impossibilita o exercício da cidadania, e a inexistência de indicadores oculta às problemáticas e não põem a discussão na agenda governamental e não provoca a formulação e implementação de políticas públicas. Nesse sentido é salutar a utilização de instrumentais e metodologias para o monitoramento de políticas públicas e criação de estratégias para socialização de informações, nesse caso específico para a população LGBTI+.

**Palavras-chave:** LGBT. Indicadores sociais. Políticas públicas. Cidadania LGBT. LGBTfobia.

### Referências

OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS LGBTI+ DO MARANHÃO. **Boletim nº 001/2021**. Boletim da violência letal da população LGBTI+ no Maranhão em 2020. São Luís: Observatório de Políticas Públicas LGBTI+ do Maranhão, 2021.

## MÃE SOLO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA



### Maytê Luanna Dias de Melo

Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba, Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo Centro Universitário de João Pessoa. Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Alagoas. Colaboradora do Programa de Atividades Interdisciplinares da Universidade Federal de Alagoas. Tem experiência na área de Informação em Saúde, com ênfase em Telessaúde. Atua nos campos da Ciência da Informação, com ênfase nos Fundamentos Teóricos, Programas de Pesquisa e Programas disciplinares.

É sabido que processos sócio-históricos têm permitido a perpetuação da cultura machista patriarcal que exclui mulheres do mercado de trabalho, uma vez que esses espaços foram preenchidos predominantemente por homens brancos por longos séculos. Há um movimento tímido de inclusão, mas no Brasil, mulheres ainda ocupam apenas 3% dos cargos de CEO, mesmo preenchendo 60% das vagas nas universidades (OIT, 2020). O que parece uma relação desequilibrada é o reflexo do impacto da sobrecarga doméstica e da maternidade na vida e na carreira das mulheres.

Essa desigualdade de gênero nos postos de trabalho foi ainda mais acentuada com a pandemia do novo Coronavírus que atingiu o mundo inteiro no ano de 2020. Devido ao isolamento e distanciamento social, intensificou-se a demanda do cuidado e os trabalhos doméstico das mulheres. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) revelou que no terceiro trimestre de 2020, 8,5 milhões de mulheres deixaram o mercado de trabalho, essas transformações foram sentidas, sobretudo, por mães solas que chefiam lares e são responsáveis integralmente pelos cuidados de seus filhos e filhas.

A pós-graduação também é um espaço em que mães solas se fazem presentes, nele essas mulheres têm de lidar com um rol de demandas acadêmicas que, do mesmo modo, foi afetado pela pandemia. Exigências e expectativas da vida universitária, desigualdade de condições e resultados, naturalização e romantização do sofrimento nos programas de pós-graduação, intensificação dos cuidados e das atividades domésticas, falta ou impossibilidade de mantimento de sua rede de apoio – visto que, por muitas vezes, essas redes são formadas pelos avós que fazem parte do grupo de risco –, além da falta de empatia, acolhimento e suporte financeiro, acentuam as dificuldades das mães solas nesse meio. E ainda mais, estas mães

sofrem de maneira desigual devido à interseccionalidades como, raça, classe social, quantidade de filhos.

A *Parent in Science* (UFRGS, 2020), fez um levantamento entre os meses de abril e maio de 2020 e apontou que a produtividade acadêmica de mulheres, sobretudo, mulheres pretas foi fortemente afetada pela pandemia da COVID-19, por outro lado, identificou que a produtividade de homens, especialmente sem filhos, foi a menos afetada no mesmo contexto. Portanto, reflexões sobre parentalidade, gênero, raça, academia e mercado de trabalho devem ser intensificadas para que sejam mitigados os impactos desses fatores na vida das mulheres. Há muito que ser feito nos espaços acadêmicos para que a inclusão de mães solas seja feita de maneira efetiva.

O aumento e a flexibilização dos prazos, editais específicos, redistribuição de carga horária e de atividades de maneira a não sobrecarregar grupos mais atingidos, programar horários de reuniões considerando o horário escolar, investir em espaços físicos com berçários e, especialmente, exercer a empatia. A universidade deve ser um lugar de todos.

**Palavras-chave:** Gênero. Parentalidade. Mãe solo. Pandemia. Pós-graduação.

### Referências

BAIN & COMPANY. **Sem atalhos: transformando o discurso em ações efetivas para promover a liderança feminina.** Bain & Company, 2020. Disponível em: <https://www.bain.com/pt-br/insights/No-shortcuts-turning-the-speech-into-effective-actions-to-promote-female-leadership/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa de Orçamentos Familiares**, 2020. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 12 jun. 2021.

PARENT IN SCIENCE. **Produtividade acadêmica durante a pandemia:** Efeitos de gênero, raça e parentalidade. 2020. Disponível em: [https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b\\_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true](https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true). Acesso em: 18 jun, 2021.



## COMO OBTER SUCESSO NA APRESENTAÇÃO DO TCC



### Alzira Karla Araújo da Silva

Professora do nível adjunto do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestra em Ciência da Informação e graduada em Biblioteconomia, ambas pela Universidade Federal da Paraíba. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), na linha de pesquisa Ética, Gestão e Políticas de Informação. Vice-líder do grupo de pesquisa Aprendizagem, Informação e Conhecimento e pesquisadora na linha de pesquisa Gestão da Informação e do Conhecimento. Coordenadora dos Projetos de Extensão "Descomplica TCC" e "Descomplica Ensino Médio" e do Projeto de Iniciação Científica "Representação das Inteligências Acadêmicas Múltiplas em Ciência da Informação no Brasil". Atua nos seguintes eixos temáticos: gestão da informação e do conhecimento, aprendizagem organizacional, redes sociais, redes de colaboração e aprendizagem, marketing da informação, metodologia da pesquisa, normalização e escrita científica.

Durante a vida acadêmica na graduação, especialização e cursos de aperfeiçoamento, os discentes se deparam com o momento de elaboração e apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para apresentar resultados de um estudo e expressar conhecimento sobre um tema. Na pós-graduação as dissertações e teses também reúnem, analisam e interpretam informações; devendo a tese constituir-se como original. Espera-se que esses trabalhos representem as competências pessoais e atitudinais (tomar decisões, autonomia intelectual, postura adequada, comunicação de ideias), cognitivas e laborais (analisar um problema, sistematizar informações, identificar soluções, associar conhecimentos e métodos, inovar e criar) de os acadêmicos desenvolvidas durante esse processo formativo. Para obter sucesso nesta fase é preciso seguir algumas etapas. A primeira é o planejamento com o desenvolvimento de um plano para guiar do ponto inicial da ideia até a apresentação. Para tanto, deve-se elaborar um cronograma, em consonância com o orientador e segui-lo, incluindo encontros para orientação, leituras e fichamentos, escrita, pesquisa, normalização, revisão textual e organização da apresentação oral. A segunda etapa é a leitura, escrita e normalização. É importante a seleção de fontes de informação adequadas, clássicas e contemporâneas e que preencham os requisitos de cientificidade. Fichamentos de citação organizam a leitura e facilitam o encontro de textos úteis para o trabalho. A escrita científica requer atenção especial para evitar rebuscamentos e buscar o equilíbrio. Deve-se atender ao uso adequado da gramática; observar a coerência, em atenção à fluência, sequência lógica do texto, relevância, não contradição e não redundância; e ter atenção com a coesão que usa elementos linguísticos para ligar o texto. Rer ler o texto após um



período de tempo é fundamental para identificar lacunas e necessidade de melhorias. A normalização, por sua vez, deve basear-se na Associação Brasileira de Normas Técnicas ou outra norma adotada pela instituição, tendo em vista a estrutura recomendada. Orienta-se que não seja uma ação realizada ao final do trabalho, mas durante todo o percurso. Assim, a relação citação-lista de referências e a padronização do trabalho devem começar desde o elemento capa, no início do processo de construção do trabalho. A cada autor citado, inserir as referências e a cada dúvida, consultar as normas, minimizando as dúvidas. A revisão gramatical e de normalização podem ser realizadas por profissionais dessas áreas. A terceira e última etapa é a apresentação oral que necessita de autoconhecimento, ensaio e preparação. O uso de marketing pessoal, etiquetas globais, comunicação oral e corporal, elementos de apoio visual e, quando necessário, a netiqueta trazem segurança e sucesso. Outra dica é não impedir-se de vencer desafios e encarar o medo normalmente. Evitar falar apressadamente para não transparecer ansiedade. Usar linguagem clara, dinâmica e persuasiva, certificando-se de que as ideias principais foram apresentadas e enumerar os argumentos ao final. No apoio visual para a apresentação usar tópicos e frases curtas, observar se uma imagem pode substituir o texto e analisar quais conteúdos são fundamentais. Após a apresentação do discente, orientador e título do trabalho, são elementos-chave na apresentação oral: o tema, a pergunta-problema, a justificativa e os objetivos; os principais fundamentos teóricos e autores; a metodologia e os elementos para compreender a pesquisa; os resultados e as conclusões que respondem problema e objetivos e sugestões de futuras pesquisas. O último momento pode ser um fechamento com uma frase assertiva sobre o tema. Ter pensamentos positivos e visualizar o sucesso também são segredos para concluir com êxito este momento.

**Palavras-chave:** Trabalho de Conclusão de Curso. Escrita científica. Normalização. Apresentação de Trabalhos. Sucesso acadêmico.

## Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 14724:** informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

BELEZIA, Eva Chow; RAMOS, Ivone Marchi Lainetti. **Planejamento e desenvolvimento do TCC**. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2011. Disponível em: [http://www.etecjosedagnoni.com.br/downloads/Nucleobasico/VOL.3-PLANEJAMENTO\\_E\\_DESENVOLVIMENTO\\_DO\\_TCC.pdf](http://www.etecjosedagnoni.com.br/downloads/Nucleobasico/VOL.3-PLANEJAMENTO_E_DESENVOLVIMENTO_DO_TCC.pdf). Acesso em: 10 jul. 2021.

## FORMAÇÃO SOCIO POLITICA E CULTURAL NA BIBLIOTECONOMIA



### Gilvanedja Mendes

Bibliotecária-Documentalista e graduanda em Gestão Pública da UFPB, Mestra em Ciência da Informação (UFPE). Especialista em Gestão Cultural (UFBA), Licenciada em Pedagogia (UPE) com Especialização em Recursos Humanos para Educação (Fafire). Foi diretora da Biblioteca Popular de Afogados (Recife/PE), Assessora de Literatura na Secult/PE e articuladora do Fórum Pernambucano em Defesa das Bibliotecas, Livro, Leitura e Literatura e esteve envolvida com a construção do Plano Estadual do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas. Na pesquisa, dedica-se às temáticas das bibliotecas públicas e escolares, política e gestão culturais e do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas por meio do Observatório de Políticas Culturais - ObservaCult, do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio - Gecimp e o Grupo de Pesquisa Bibliotecas Públicas: reflexão e prática (UniRio). Na Paraíba, está Conselheira de Cultura de João Pessoa e vem atuando junto ao movimento cultural, como articuladora do Fórum Paraibano do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas e no Fórum dos Fóruns de Cultura da Paraíba. Atualmente é presidenta da Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba - APB-PB, atuando junto à Febab no Grupo de Trabalho em Bibliotecas Públicas (GT-BP/Feabab) e na Comissão Brasileira de Bibliotecas Escolares (CBBE/Feabab). Integra o Coletivo Liga Bibliotecária e o Movimento Mais Biblioteconomia.



### Cida Fernandez

Bela. em Biblioteconomia pela UFPE, é responsável pelo Programa Direito à Leitura, do Centro de Cultura Luiz Freire, assessora do Programa Prazer em Ler (PPL), da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). Integra o Grupo de Pesquisa "Bibliotecas Públicas no Brasil: reflexão e prática" (GPBP), da UNIRIO. Integrou o Grupo Executivo que elaborou o texto base do PELLB/PE. Desenvolveu um sistema de classificação da literatura de ficção e poesia, voltado à organização e arranjo de acervos bibliográficos, e ferramenta para formação de formadores e formação de leitores literários. É palestrante e facilitadora de cursos para desenvolvimento de profissionais nas áreas de formação de leitores, implantação, organização e gestão de bibliotecas, espaços de leitura, acervos literários e incidência em políticas públicas do Setor LLLB, na perspectiva dos direitos humanos.

Durante toda a nossa formação acadêmica em Biblioteconomia, nos ressentimos da ausência de disciplinas e conteúdos que nos dessem condições de compreender o papel da Biblioteconomia para a transformação social. Desde sempre, pensamos a respeito da importância de uma matriz de conteúdos, métodos e práticas voltados para a formação política dos(as) profissionais da área, matriz essa que tivesse o objetivo de formar profissionais que se enxergassem como sujeitos políticos: sujeito de direitos, conscientes do seu papel social. Essa foi a ideia motivadora da construção do Curso de Formação Sociopolítica e Cultural na Biblioteconomia. Somado o desejo à possibilidade, uma vez que Gilvanedja Mendes assume a presidência da Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba - APB-PB, uma organização que por excelência tem também a função de promover a qualificação/atualização dos(as) profissionais, foi a oportunidade que esperávamos.

A Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba em parceria com o Centro de Cultura Luiz Freire idealizadoras do Curso de Formação Sociopolítica e Cultural na Biblioteconomia lançaram a 1ª edição do Curso em 1º de julho de 2020, projeto aprovado no Edital de Extensão (Edital Proex nº04/2020 - UFPB no seu Município) com vigência 01/06 e 31/12/2020. O Curso foi voltado, especialmente, a

profissionais, estudantes e docentes de Biblioteconomia e ofereceu conteúdo e ferramentas, mobilizando diferentes sujeitos que atuam na área e que vêm refletindo e praticando outras perspectivas de ação bibliotecária. O objetivo do Programa de Formação, com a 2ª edição em andamento, é trazer à luz reflexões acerca da construção da identidade profissional e das práticas que propiciem uma visão ética, política e crítica de estudantes e profissionais da Biblioteconomia comprometidos(as) com a construção de uma sociedade mais justa e equânime, um projeto de emancipação humana.

Após as etapas de chamada pública para estudantes extensionistas interessados em participar da equipe do Projeto, realizou-se o processo de inscrição e seleção em setembro de 2020 e entre outubro e dezembro de 2020, aconteceram as aulas síncronas em formato remoto por meio da plataforma Google Meet e aulas assíncronas com conteúdo e atividades avaliativas disponibilizados gratuitamente na plataforma Google Classroom. As aulas do Curso trouxeram conhecimentos teóricos e práticos com vistas a estimular a vivência e aplicação adquirida em aula, o que significou não apenas colocar em prática o conhecimento aprendido, mas experimentar novas metodologias de ensino que estimularam as/os participantes a irem além, dialogando com suas próprias experiências e repertórios e ressignificando-as, a partir de novas abordagens, para a solução de suas problemáticas, assim como contribuindo para a superação de barreiras. Na etapa de avaliação do Curso e dos(as) cursistas, realizou-se a sistematização das respostas disponibilizadas pela turma e análise de resultados de suas práticas a partir do processo formativo, bem como a avaliação interna da equipe do Projeto e a elaboração do relatório final. Para a certificação de conclusão do curso foi considerada a frequência mínima de 75% em aulas síncronas e 75% de realização de atividades avaliativas, dos módulos 1 e 2, a frequência nos módulos 3 e 4, e a apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso (Projeto de intervenção).

As atividades sociopolíticas e culturais possibilitaram aos cursistas compreender o papel que têm numa sociedade sob o regime político da democracia e atuarem nela de maneira concreta, lidando, prevenindo e combatendo a intolerância e a discriminação étnico-racial, religiosa, política, sexual, de gênero, contra pessoas com qualquer tipo de deficiência nos diferentes espaços sociais e ambientes de informação. Ao final do Curso, os(as) participantes foram desafiados a elaborar um

projeto próprio de intervenção social a partir do lugar em que estão inseridos(as), como profissionais, docentes ou estudantes de Biblioteconomia.

**Palavras-chave:** Biblioteconomia Social. Formação sociopolítica. Formação Cultural. Transformação Social. Direitos Humanos. Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba – APB-PB.

## Referências

CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. A questão do gênero. In: CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero uma perspectiva global: compreendendo o gênero da esfera pessoal à política no mundo contemporâneo**. São Paulo: nVersos, 2015. p. 29-50.

DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. **Iberical**, Paris, 2012. Disponível em: <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>. Acesso em: 24 out. 2020.

GOHN, M. G. M. **Cidadania e direitos culturais**. Revista Katálisis, v. 8, n. 1, p. 15-23, 2005. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2925773>. Acesso em: 16 out.2020.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

ISHIMOTO, Adonai Takeshi; GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. Nas estantes das bibliotecas, gêneros e silêncios. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 351-366, maio 2018. ISSN 1980-6949. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/714>. Acesso em: 02 nov. 2020.

ISHIMOTO, Adonai Takeshi. **Literatura LGBT em bibliotecas públicas: efeitos em (dis)curso**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Biblioteconomia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

ROMEIRO, Nathália Lima; MARTINS, Carlos Wellington, SANTOS, Bruno Almeida. **Do invisível ao visível: saberes e fazeres das questões LGBTQIA+ na Ciência da Informação**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2019.

RIBEIRO, Alexsander Borges; MIRANDA, Angélica Conceição Dias; REIS, Juliani Menezes dos. Movimento Associativo e Entidades de Classe: discussões existentes e a produção científica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação – RBBd**, v. 11, n. 1, 2015. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/266>. Acesso em: 2 nov.2020.



SANTANA, Marco Aurélio. Entre a ruptura e a continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.14, n.41, São Paulo, p.103-120, out.1999. Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091999000300007&lang=es](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091999000300007&lang=es). Acesso em: 07 nov. 2020.

SOUZA, Joana Belarmino de. Cegueira, Acessibilidade e Inclusão: apontamentos de uma trajetória. **Psicologia: ciência e profissão**, jul./set. 2018, v. 38, n.3, p.564-571. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v38n3/1982-3703-pcp-38-3-0564.pdf>. Acesso em: 12 out.2020.

## CIÊNCIA CONTÁBIL: DESAFIOS E OPORTUNIDADES EM TEMPOS DE PANDEMIA



**Darlan Oliveira Bezerra**

Mestre em Ciências Contábeis pelo PPGCC da Universidade Federal do Pernambuco - UFPE, Especialista em Auditoria Contábil-Fiscal pelo Instituto de Ensino Superior da Paraíba - IESP e graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Atualmente é efetivo do Governo do Estado da Paraíba como um dos Contadores na Companhia Estadual de Habitação Popular da Paraíba – CEHAP. É professor do curso de Ciências Contábeis e Gestão Financeira da UNIESP Centro Universitário em João Pessoa PB. É também autor de livro na área de Sistema de Informações Contábeis e também de vários artigos na área de Contabilidade Gerencial, autor de capítulos de livros e também como organizador de livro de coletânea de artigos. Já tem experiência de mais de 15 anos como professor de nível técnico e superior, com experiência também como coordenador de curso no ensino superior.

A Contabilidade é uma ciência social aplicada, e como ciência social teve seu desenvolvimento a partir da necessidade do homem em contar e/ou controlar sua riqueza, que hoje chamamos de patrimônio. A ciência contábil tem como finalidade principal gerar vários tipos de informações, sejam econômicas, financeiras, físicas, patrimoniais entre outras, para auxiliar os seus vários usuários na tomada de decisões. A pandemia causada pelo COVID 19 decretada no Brasil em março de 2020 trouxe grande instabilidade em vários aspectos, principalmente econômica e financeira para vários setores da economia. Os profissionais da Contabilidade, principalmente os autônomos, ou seja, os escritórios de Contabilidade tiveram que enfrentar várias dificuldades e problemas no intuito de se adaptarem com a nova realidade causada pela pandemia, no objetivo de conseguirem prestarem seus serviços e ajudando os seus clientes a enfrentarem essa crise. Apesar de tudo isso, também podemos dizer que surgiram algumas oportunidades antes não pensada com muita atenção, como por exemplo, o trabalho remoto. Essas e outras questões serão debatidas nessa palestra.

**Palavras-chave:** Ciência Contábil. Informações econômicas e financeiras. Dificuldades e oportunidades. Pandemia.

### Referências

DAU, Gabriel. Pesquisa sobre a nova rotina em tempos de pandemia. **Jornal Contábil**, 6 julho de 2020. Disponível em:  
<<https://www.jornalcontabil.com.br/contador-nova-rotina-em-tempos-de-pandemia/>>  
Acesso em: 25/07/2021.

MARION, José Carlos. **Contabilidade empresarial**. 14. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

## O RÁDIO E A ADAPTAÇÃO À NOVA ERA DAS TECNOLOGIAS



### Erik Pereira Estevam

Especialista em Gestão de Marketing pelo Centro de Universitário Internacional (UNINTER). Pós-Graduando em Produção De Audiovisual Para Web. Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Faculdade Pitágoras de Divinópolis. Trabalha no Sistema MPA de comunicação (Rádios Nova, 94live, Antena 1, Minas FM e TV Candidés) como locutor dos programas “Toca Uma Pra Mim” e “O Som do K7”, apresentou o programa televisivo “Cretinos” na TV Candidés e atua como corretor de mídia e criador de conteúdo. Desenvolveu atividades formativas e avaliativas com alunos da Faculdade Pitágoras de Divinópolis com alunos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Como designer gráfico atua gerenciando redes sociais de empresas da região. Atualmente também é criador de conteúdo audiovisual para o canal do Youtube O Som Do K7, onde resgata a história da cultura musical das décadas passadas em conteúdo de pesquisa, contando também com entrevista nacionais e internacionais.

O futuro do rádio já esteve em xeque por diversas vezes, diante o advento da televisão, com a internet e também com as plataformas de streaming musical digital. Porém, conseguiu se adequar a todas essas mudanças e durante a pandemia da Covid-19 se mostrou um veículo de extrema importância para a população, pela sua credibilidade de informação, pelo seu apelo regional e pelo seu conteúdo de entretenimento.

De acordo com dados divulgados pelo Kantar IBOPE Media, 78% dos brasileiros, de 13 regiões metropolitanas pesquisadas, ouvem. A rádio conversa com as massa, por ser um meio de fácil acesso mesmo nas classes mais carentes e pode ser acompanhando em casa, no trabalho ou em qualquer lugar, até nas áreas mais remotas do país, onde não há acesso à internet. Ao invés de perder seu espaço para a internet, a rádio se consolidou e se reinventou nesse espaço virtual, além de mudar sua dinâmica e linguagem. Atualmente o rádio é uma via de mão dupla, onde o ouvinte participa da programação dando sua opinião, sugerindo pautas e informando em tempo real o que acontece na sua localidade.

A forma de consumir rádio do brasileiro já não se limita mais ao tradicional aparelho de Rádio AM/FM e está cada vez mais ganha adeptos nos aparelhos digitais como Smartphones e o próprio computador. O rádio do futuro conta com áudio e vídeo, onde pode ser acessado em diversas plataformas como em sites oficiais e redes sociais das emissoras, além de contar com a participação ao vivo do ouvinte nos comentários e nas participações. Essas mesmas transmissões, posteriormente são hospedadas nessas redes, o que possibilita o ouvinte consumir o conteúdo de acordo com sua demanda de tempo e disponibilidade, não havendo mais a necessidade de acompanhar ao vivo.

Para as empresas anunciar em rádio essa convergência teve um reflexo positivo, pois expõe sua marca de outras formas além dos tradicionais e engessados spots de 30 segundos, a forma de se vender no rádio mudou e foi potencializada pelas ações diversas feitas no online e no off-line em parceria com as rádios, como a realização de ações pelas ruas ou mesmo com transmissão em loco, seja nas ruas ou mesmo dentro do estabelecimento dos anunciantes. Segundo pesquisa Kantar – IBOPE, 25 das 25 marcas mais valiosas do Brasil, anunciaram em rádio em 2020. A forma de explorar os produtos, eventos e promoções mudaram. A linguagem do rádio e a facilidade de acesso nunca esteve tão popular o que torna a relação com o ouvinte mais íntima do que foi durante todas essas décadas.

**Palavras-chave:** Rádio durante a pandemia. Redes sociais. Mercado Áudio/visual. Convergência de mídia.

### Referências

BALACÓ, Bruno Anderson Ferreira; PATRÍCIO Edgard. AS CARACTERÍSTICAS DO OUVINTE DE RÁDIO NO BRASIL NA PERSPECTIVA DAS PESQUISAS RADIOFÔNICAS. **Ancora**, João Pessoa, v.7 n.1 jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/download/52376/30848/>. Acesso em: 1 ago. 2021.

Inside Radio 2020: no ritmo da transformação. **Kantar Ibope Media**, 24 set. 2020. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/estudos-type/inside-radio-2020/>. Acesso em: 1 ago. 2021.

MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano Maurício de. (Orgs.). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

MAGNONI, Antonio Francisco; MIRANDA, Giovani Vieira. Perspectivas e desafios para o rádio na era digital. **O ORBIS**, n. 21, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/134965>. Acesso em: 1 ago. 2021.

LEMES, Gilcelio. AS ADAPTAÇÕES DO RÁDIO NA ERA MULTIMÍDIA E AS MUDANÇAS NO PERFIL DA AUDIÊNCIA, **Monografias Brasil Escola**. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/comunicacao-marketing/as-adaptacoes-do-radio-na-era-multimidia-e-as-mudancas-no-perfil-da-audiencia.htm>. Acesso em: 1 ago. 2021.



### LETRAMENTO MIDIÁTICO E COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: MEDIAÇÃO DO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19



#### Arthur Ferreira Campos

Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB). Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/Campus Central). Atualmente é Doutorando em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), graduando em Arquivologia pela UFPB e Pós-graduando em Tecnologias Digitais e Inovação na Educação na Universidade Cruzeiro do Sul. Membro dos Grupos de Pesquisa Renovatio – Estudos sobre Disrupção, Interação e Aspectos Jurídicos da Informação e Alaye – Laboratório de pesquisa em informação antirracista e sujeitos informacionais. Participa também do GETJC – Grupo de Estudos em Tecnologias de Informação e Comunicação.  
E-mail: [arthurfcampos94@gmail.com](mailto:arthurfcampos94@gmail.com)

Indica a relação existente entre a atuação do profissional da informação, no campo educacional (âmbito da mediação da informação), com o letramento midiático e a competência em informação diante das necessidades informacionais impostas pela pandemia da COVID-19.

Identifica desafios a serem enfrentados como informação em excesso, desinformação, compartilhamento de informações complexas, compartilhamento de *fake news* por grupos da sociedade brasileira entre outros. Objetiva dialogar com o letramento midiático e a competência em informação, tendo em vista a defesa dessa relação pela Organização das Nações Unidas para a Educação e pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias, conforme práticas do profissional da informação na pandemia da COVID-19. É uma revisão de literatura tendo abordagem qualitativa. Resulta em recomendações norteadoras para a mediação da informação a ser praticada pelo profissional da informação, principalmente em redes sociais digitais, refletindo o seu papel social no campo educacional.

Conclui que o letramento midiático e a competência em informação podem contribuir para a filtragem e para a seleção de informações fidedignas; também conclui que existe uma tensão perante o número de casos confirmados e de mortes pela COVID-19 e as redes sociais digitais são canais de compartilhamento tanto de informação quanto de desinformação.

**Palavras-chave:** Letramento midiático. Competência em informação. COVID-19. Coronavírus. Atuação do profissional da informação.



## Referencias

AGÊNCIA BRASIL. Anvisa proíbe venda sem receita de cloroquina e ivermectina. Agência Brasil – Brasília, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-07/anvisa-proibe-venda-sem-receita-de-cloroquina-e-ivermectina>. Acesso em 18 mar. 2021.

ALI, Muhammad Yousuf; BHATTI, Rubina. COVID-19 (Coronavirus) Pandemic: Information Sources Channels for the Public Health Awareness. **Asia Pacific Journal of Public Health**, DOI <https://doi.org/10.1177/1010539520927261>, 2020.

ANTAL, Márk et al. A COVID–19-vírusfertőzés klinikai felismerését szolgáló új információk és a fej-nyaki régióban dolgozó egészségügyi személyzet védekezésének lehetőségei. **Orvosi Hetilap**, v. 161, n. 17, p. 660–666, 1 abr. 2020.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. La importancia de la ciencia de la información en tiempos de posverdad. **Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud**, v. 31, n. 1, 2020.

BARBOSA, Allan Claudius Queiroz. Lições sobre a Pandemia da COVID-19 e a Informação Científica. **ASP em Revista**, v. 2, n. 1, p. 70-72, 2020.

BASCH, Corey H. et. al. **Public Health Communication in Time of Crisis: Readability of On-Line COVID-19 Information**. Disaster Medicine and Public Health Preparedness, p. 1-3, 2020.

BBC NEWS. Coronavírus: morte de médico que havia tentado avisar sobre vírus causa revolta e protestos na China. BBC News Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51411980>. Acesso em: 14 mar. 2021.

CAMPOS, Arthur Ferreira; PINHO NETO, Júlio Afonso Sá de. O papel da competência informacional diante o fenômeno da desinformação. In: Franciele Carneiro Garcês da Silva; Graziela dos Santos Lima. (org.). **Bibliotecári@s Negr@s: informação, educação, empoderamento e mediações**. Florianópolis, SC: Rocha Editora, 2019. (Selo Nyota), p. 499-514.

CERIGATTO, Mariana Pícaro. Promovendo a literacia midiática e informacional no contexto emergente da desinformação: proposta para o ensino fundamental. **Revista Observatório**, v. 6, n. 6, p. 1-23, 2020.

EDUCAMIDIA. Afinal, qual a diferença entre desinformação e “fake news”? São Paulo, 11 ago. 2021. **Instagram**: @educamidia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSbv2aoNNr5/>. Acesso em: 19 ago. 2021.

FAROOQ, Ali et al. Impact of Online Information on Self-Isolation Intention During the COVID-19 Pandemic: Cross-Sectional Study. **Journal of Medical Internet Research**, v. 22, n. 5, p. e19128, 6 maio 2020.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. La Piqueta, 1992.

LEE, Alice; SO, Clement. Media literacy and information literacy: Similarities and differences. **Comunicar: Media Education Research Journal**, v. 22, n. 1, 2015.  
PINHEIRO, Marta Macedo Kerr; BRITO, Vladimir de Paula. Em busca do significado de desinformação. *DataGramaZero*, v. 15, n. 6, p. 1-7, 2014.

POONIA, Seerat K.; RAJASEKARAN, Karthik. Information Overload: A Method to Share Updates among Frontline Staff during the COVID-19 Pandemic. **Otolaryngology–Head and Neck Surgery**, DOI <https://doi.org/10.1177/0194599820922988>, 2020.

PULIDO, Cristina M. et al. COVID-19 infodemic: More retweets for science-based information on coronavirus than for false information. **International Sociology**, DOI <https://doi.org/10.1177/0268580920914755>, 2020.

ROMEIRO, Nathália; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. A Folksonomia das hashtags como instrumento de militância contra o assédio sexual no Facebook: Avaliação da hashtag# mexeucomumamexeucomtodas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. 2, p. 215-232, 2018.

## PROTAGONISMO, PERTENCIMENTO E EMPODERAMENTO LOCAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA



**Maria Cleide Rodrigues Bernardino**

Doutora em Ciência da Informação, pela Universidade de Brasília (UnB), com Estágio Sanduiche na Universidade Complutense de Madrid (UCM), Espanha. Mestre em Linguística, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Gerenciamento de Bibliotecas Públicas e Escolares, pela UnB. Especialista em Literatura Brasileira, pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Bacharel em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Curso de Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB), da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da UFPB. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e à Inovação Tecnológica (BPI) pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Foi Diretora do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da UFCA no período janeiro/2017 a maio/2019. Vice-Coordenadora do PPGB de 2016 até 2020. Editora do periódico "Folha de Rosto: revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação" de 2015 até o presente. Tutora do Programa de Educação Tutorial (PET) de Biblioteconomia de 2014-2019 e Cotutora de 2019 até o presente. Coordenadora do Programa de Extensão, TEIA: advocacy para bibliotecas Sustentáveis. Líder do Grupo de Pesquisa: Biblioteca, Informação e Sociedade (BIS) CNPq/UFCA.

As bibliotecas públicas são espaços democráticos voltados para o desenvolvimento de atividades culturais, informacionais, educacionais e de interação com a comunidade usuária. Os aspectos que compõem o empoderamento da biblioteca pública envolvem a sua relação com a comunidade usuária, a partir do protagonismo dessa comunidade. Entende-se como espaço democrático, uma biblioteca em contínuo diálogo com a sua comunidade. Para compreender e construir condições para a construção de um território local de atuação para o empoderamento, é premente entender o conceito de territorialidade que foi definido, *a priori*, como “a conduta característica adotada por um organismo para tomar posse de um território e defendê-lo [...]” (RAFFESTIN, 1993, p. 159).

Sack (1986) afirma que a territorialidade é um comportamento humano espacial e Soja (1971), que se trata de um espaço organizado politicamente. Coadunando, Raffestin (1993) defende que a noção conceitual de espaço é construída a partir de um processo de valorização deste, que pode ser social ou natural. O empoderamento envolve, portanto, questões tanto individuais quanto coletivas. Empoderar é reconhecer as habilidades e conhecimentos da comunidade e é instrumentalizado pelas estratégias de interação e atuação local. Empoderar é tomar controle, que significa se reconhecer, ter consciência de suas potencialidades, habilidades e conhecimentos. Não se pode deixar de lado as questões que envolvem o processo de identidade, que, para Hall (1999), é definida historicamente a partir das situações e significados e, sobretudo, pela representação social. É neste ponto em que se

caracterizam os aspectos de identidade voltados para a biblioteca pública e sua comunidade.

O território local de atuação para a biblioteca pública de Betancur Betancur (2007) define-se como uma interpretação da expressividade do cenário das identidades locais da comunidade usuária, em prol da coletividade. Isto significa conhecer a comunidade e reconhecer suas particularidades, talentos e necessidades. Já os parâmetros para o empoderamento são construídos a partir de uma autoimagem positiva (VILLAFANE, 1993), que conduzirá a uma imagem corporativa, no caso das organizações, a fim de desenvolver habilidades de auto reflexão crítica; construir parâmetros que levem à consciência e coesão de grupo; e criação de condições que fortaleçam a tomada de decisões coletivas e uma ação estratégica. É um olhar para dentro e para fora. Olhar suas condições, estrutura, autoconhecimento e para o seu entorno. O empoderamento se dará alicerçado aos aspectos de transformação social. Oakley e Clayton (2003), ajudam a refletir que ao se conhecer a comunidade e suas potencialidades, gera-se maior confiança na capacidade individual e coletiva do grupo; que, com o aumento das relações afetivas do grupo, estabelece-se relações da biblioteca com a sua comunidade; e que isto leva a ampliação do acesso a todos os recursos, incluindo os informacionais, que levam a muitos outros.

Por fim, é a partir da construção de uma política de territorialidade que se constrói os parâmetros de empoderamento da biblioteca pública como organização e da sua comunidade. Essa política não pode deixar de lado os parâmetros de territorialidade social e, sobretudo, a incorporação de um novo conceito de biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. Deve estar alicerçada nos paradigmas social e tecnológico, entendendo que a base teórica para o primeiro é a relação existente entre biblioteca e sociedade; e o segundo se abriga, principalmente, na sociedade da informação, elemento essencial para a sobrevivência das bibliotecas públicas. Essa política deve alicerçar-se em documentos norteadores como o 'Manifesto da IFLA para bibliotecas públicas' (1994), 'Diretrizes da IFLA pra bibliotecas públicas' (2012) e a 'As bibliotecas e a implementação da Agenda 2030 da ONU (FEDERAÇÃO..., 2015). Estes documentos se baseiam principalmente no direito ao acesso à informação e as recomendações da IFLA para a Agenda 2030. A Agenda 2030 da ONU conta com 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) para

transformar o mundo e a biblioteca, como organização alicerçada nos paradigmas social e tecnológico está comprometida com esta pauta.

**Palavras-chave:** Biblioteca Pública. Empoderamento da Biblioteca Pública. Territorialidade.

### Referências

BETANCUR BETANCUR, Adriana María. **Bibliotecas públicas, información y desarrollo local**. Medellín: Comfenalco Antioquia, 2007. (Colección Biblioteca Pública Vital, 7).

FEDERAÇÃO Internacional de Associações e Instituições de Bibliotecas. **As bibliotecas e a implementação da Agenda 2030 da ONU**. IFLA, 2015. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/hq/topics/libraries-development/documents/libraries-un-2030-agenda-toolkit-pt.pdf> Acesso em: 12 ago. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

KOONTZ, Christie; GUBBIN, Barbara. (Orgs.). **Diretrizes da IFLA para bibliotecas públicas**. Brasília: Briquet de Lemos, 2012.

MANIFESTO DA IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas, 1994. Disponível em: <http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm> Acesso em: 12 ago. 2021.

OAKLEY, Peter; CLAYTON, Andrew. **Monitoramento e avaliação do empoderamento**. 2. ed. São Paulo: Instituto Polis, 2003. Disponível em: <http://www.polis.org.br/uploads/928/928.pdf> Acesso em: 12 ago. 2021.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática. 1993. Disponível em: [http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS-GRADUACAO/CLAUDE%20REFFESTIN/RAFFESTIN,%20Claude%20-%20Por%20uma%20Geografia%20do%20Poder\(3\).pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS-GRADUACAO/CLAUDE%20REFFESTIN/RAFFESTIN,%20Claude%20-%20Por%20uma%20Geografia%20do%20Poder(3).pdf) Acesso em: 12 ago. 2021.

SACK, Robert David. **Human territoriality: its theory and history**. London: Cambridge University Press, 1986.

SOJA, Edward W. **The political organization of space**. Washington, D.C: AAG Commission on College Geography. 1971. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/103277014/Soja-Edward-The-Political-Organization-of-Space> Acesso em: 12 ago. 2021.

VILLAFANE, Justo. **Imagem positiva: gestão estratégica da imagem das empresas**. Lisboa: Edições Silabo, 1993.



## Currículos da Comissão Organizadora



### Carla Daniella Teixeira Girard

Possui Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Graduação em Formação Pedagógica de Docentes - Habilitação em Letras pela Faculdade Educacional da Lapa (FAEL), Especialização em Docência da Educação Superior pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Doutoranda em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/Canoas). Atualmente é Bibliotecária-Documentalista da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) no Campus de Paragominas. Trabalhou como Bibliotecária-Documentalista na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) no Campus de Oriximiná, Professor Formador e Colaboradora do PARFOR/UFOPA e Vice-Coordenadora do Projeto Bibliocine. Atualmente é Coordenadora de incentivo à leitura: Projeto Cine Mais Biblio da UFRA/Campus Paragominas, Bibliotecária-Documentalista e Professora. Participa do Grupo de Pesquisa em Inovação, Engenharia e Gestão do conhecimento, e Acessibilidade (IEGA) pela UFRA/Belém e do Grupo de Pesquisa, Cultura e Educação pela ULBRA que encontram-se registrados no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil. Além disso, faz parte do corpo editorial da Pantanal Editora como organizadora/revisora dos e-books da área de Educação.



### Milton Fernandes

Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará - 2009; Especialista em Memória e Acervos pelo Instituto Signorelli; Servidor Público Federal (Bibliotecário) desde 2011 na Biblioteca Douglas Vale da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA).



### Sérgio Rodrigues de Santana

Mestre e doutorando em Ciência da Informação, ambos pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CI/UFPB). Tem licenciatura em Psicologia e formação de Psicólogo (CRP 13/7901) ambos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Coordenou o seminário on-line Lives e olhares livres: a população LGBTQIA+ no contexto da pandemia da Covid-19, promovido pelo GEINCOS e IMCLUSOS da UFPB. Desenvolveu atividades nos programas PIVIC, PIBIC, PIBIT, PROLICEN e MONITORIA (História da Psi). Como designer gráfico desenvolve trabalhos voltados ao contexto científico, como logomarcas, capas de livros e periódicos científicos, posters, folders, certificados entre outros. Atualmente é membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Étnico-raciais (NEPIE-RE/GEINCOS-CCSA/UFPB). Foi bolsista do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e Adolescência (NUPEDIA-UFPB/CCHL) entre 2009/2012. Tem experiência em estudos epistemológicos no foco a informação (construção do conhecimento) tendo como vetores epistêmicos as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC); Psicanálise, Psicologia e cognição; população LGBTQIA+ e população negra.



### Annebelle Pena Lima Magalhães Cruz

Doutoranda em Educação (ULBRA/RS), ênfase em Educação e Cultura. Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local (UNA/MG/2013), ênfase em Educação. Possui formação em Psicologia (UNINCOR/MG/2009) e Formação Complementar em Pedagogia. Pós-graduada em Saúde Mental (2012), Psicopedagogia e Neurociência (2012), Práticas de Multiletramento (2014) e pós-graduada em Educação Especial (2020). Experiência na Educação Básica (CMBH/2010 a 2013), na área de gestão escolar. Experiência como Psicóloga Hospitalar no PMGU BH (2013 a 2017), atuando na gestão à saúde; psicologia clínica e institucional; atendimento psicopedagógico; supervisão de estágio; bancas de seleção de concursos federais; pericia psicológica; treinamentos e pesquisas. Possui experiência docente desde 2010 em graduação e pós-graduação, atuando nas áreas da Educação, Psicologia, Gestão, Saúde, outros. Experiência em assessoria pedagógica EAD. Experiência em formulação de projetos políticos pedagógicos de cursos superiores, núcleo docente estruturante, elaboração de manual de estágio em clínica de psicologia e outros trabalhos técnicos. Possui experiência em coordenação de pós-graduação, assessoria educacional e tutoria. Possui experiência na Educação infantil como Psicóloga/Orientadora e Gestora de Unidade. Atua como psicóloga clínica, abordagem sistêmica (casal, família e criança).



**Edilson Targino de Melo Filho**

Bibliotecário-Documentalista da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), campus II - Areia/PB. Doutor em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba. Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do Grupo de Trabalho Relações Étnico-Raciais e Decolonialidades (RERAD) da FEBAB. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP). Membro da Diretoria Técnica da Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba (APB-PB). Atuando principalmente nas seguintes áreas: Memória, Informação e Identidade, Metodologia do Trabalho Científico, Biblioteca Escolar, Organização e Tratamento da Informação.

**Victor Soares Rosa**

Licenciado em Biblioteconomia (2018) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Discente do curso de Bacharelado em Biblioteconomia da UNIRIO. Mestrando em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPed) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no âmbito do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX) desde março de 2021. Afiliado à Associação de Leitura do Brasil (ALB) desde março de 2020. Afiliado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) desde julho de 2020, como membro do GT02 - História da Educação. Afiliado à Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) desde março de 2021. Afiliado à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) desde maio de 2021, como membro do GT03 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação - e do GT06 - Informação, Educação e Trabalho. Atua no Grupo de Pesquisa Espaços e Práticas Bibliotecônicas (GPEPB) da UNIRIO, na linha de pesquisa "Biblioteconomia, Cultura e Sociedade", onde desenvolve estudos no âmbito da História da Biblioteconomia, da Bibliografia, da Documentação e da Ciência da Informação brasileiras a partir do desenvolvimento do primeiro curso de Biblioteconomia no país. Atua no Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL), nas linhas de pesquisa "História da Leitura" e "Literatura e formação do leitor", onde desenvolve estudos sobre história das bibliotecas escolares e história da leitura no Brasil. Atua no Grupo de Pesquisa Ecce Liber: filosofia, linguagem e organização dos saberes, onde desenvolve estudos sobre a História da Ciência da Informação brasileira a partir do desenvolvimento dos primeiros cursos de mestrado na área no Brasil. Neste mesmo grupo, também desenvolve estudos sobre Competência em Informação, Leitura e Letramento Informacional. É egresso do grupo de pesquisa Bibliotecas Públicas no Brasil: teoria e prática (GPBP); e do grupo de pesquisa Excelência, Sustentabilidade e Inovação Social: Engenharia das Organizações Criativas e Soluções Tecnológicas Educacionais. Tem experiência nas áreas de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Educação, com ênfase em Biblioteconomia Escolar, Biblioteconomia Pública, Competência em Informação, Educação Especial, Educação Inclusiva, Ensino de Biblioteconomia, História da Leitura, Leitura e Letramento Informacional.

**Maria Beatriz de Oliveira Castro**

Técnica de Tecnologia da Informação na Universidade Federal Rural da Amazônia - Campus Paragominas. cursando especialização em Sistema de Informação pela Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI e membro integrante do Laboratório de Computação Aplicada e Sistemas Inteligentes (CAPSI) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) - Campus Castanhal. Graduada em Licenciatura em Informática (2018) e técnica em Redes de Computadores pelo IFPA - Campus Castanhal. Estagiou na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) e Hiléia - Indústria de Produtos Alimentícios S/A, nesta última trabalhou como Assistente de Tecnologia da Informação. Foi bolsista de monitoria do laboratório de Informática (2015) do IFPA - Campus Castanhal.

**Antonio Marcelo Vasconcelos de Sousa**

Possui graduação em Comércio Exterior pelo Centro Universitário Internacional (2012). Atualmente é Assistente em Administração da Universidade Federal Rural da Amazônia. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Administração de Empresas.

**Eliane Epifane Martins**

Mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (2017). Especialista em Gestão e Docência no Ensino Superior pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas (FATECH). Graduada em Biblioteconomia (2009) e graduanda em Arquivologia (2017), ambas pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente é professora do Curso Técnico em Biblioteconomia do Instituto de Educação Estadual do Pará (IEEP) e Bibliotecária da Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (CODEM)

**Lucas Henrique Alves da Silva**

Mestrando em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB) e Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB). Membro do grupo de pesquisa Inclusos - Informação, Memória, Tecnologias e Sociedade. Atua principalmente nos seguintes temas: Repositórios de Dados Científicos; Ciência Aberta; Curadoria Digital; e Arquitetura da Informação.

**Geysianne Felipe do Nascimento**

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas UFPB - Linha de Pesquisa: Mídia, Cotidiano e Imaginário. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas - UFPB. Tem interesse nas áreas de Comunicação, Direitos Humanos e Sociologia, mais especificamente nos seguintes temas: gênero, mídias, cotidiano, cibercultura e políticas públicas. Tem experiência na área de gestão de projetos em Terceiro Setor, cooperativismo, gênero, políticas públicas em movimentos sociais e atuou como educadora social em projetos governamentais.

**Saulo Tasso de Menezes**

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela UFPB, foi extensionista do projeto Desenvolvimento Territorial – INCUBES – Incubadora de Empreendimentos Solidários da UFPB 2016. Foi Coordenador da Residência Universitária Masculina e Feminina (RUMF) em 2015 e participou da Avaliação de acessibilidade em Residência Universitária 2016.